



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

Maria Natalia da Silva

**VOZES QUE CIRCULAM: OS CAMINHOS DA NARRAÇÃO DE
HISTÓRIAS**

**Florianópolis
2022**

Maria Natalia da Silva

VOZES QUE CIRCULAM: OS CAMINHOS DA NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientação: Profa. Dra. Lilane Maria de Moura Chagas.

**Florianópolis
2022**

Maria Natalia da Silva

VOZES QUE CIRCULAM: OS CAMINHOS DA NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pedagogia.

Florianópolis, agosto de 2022.

Profª. Patrícia de Moraes Lima, Dra.
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profª. Dr (a) Lilane Maria de Moura Chagas, - Orientadora
MEN - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Profª Dra. Caroline Machado – Avaliadora
Núcleo de Desenvolvimento Infantil- NDI – UFSC

Profª Dra. Juliete Schneider – Avaliadora
Núcleo de Desenvolvimento Infantil- NDI – UFSC

Profª Dra. Gilka Girardello – Avaliadora Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina UFSC

Florianópolis
2022

Aos meus pais,
Aos meus familiares
e aos meus queridos
amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois Ele sempre esteve ao meu lado, me sustentando em todos os momentos da minha vida. Me guiou e confortou meu coração nos momentos de aflição.

Aos meus pais, Cristiana Cristina e Julio Cesar, porque sem eles nada do que foi feito teria se concretizado. Tenho muita gratidão por sempre confiarem em mim até este momento, em que finalizo uma etapa tão importante da minha trajetória de vida.

À minha irmã Julia, que sempre esteve comigo, me auxiliando nos momentos em que eu precisava.

À prof. Dr. Lilane Maria de Moura Chagas, minha orientadora, que me recebeu tão bem, aceitando o desafio de me orientar nesse percurso da minha trajetória de curso, que sempre teve muita paciência, dedicando seu tempo para me guiar e direcionar nos momentos mais difíceis.

Agradeço à banca que disponibilizou um tempo para a leitura de meu Trabalho de Conclusão de Curso e estão participando neste momento da minha formação acadêmica,

Aos meus queridos amigos, que participaram desta etapa da minha vida, que sempre me ouviram e conversam sobre o quanto esses momentos por muitas vezes foram difíceis, em especial minhas colegas de curso, Tamires e Thuany, que tive o privilégio de conhecer e partilhar momentos de alegrias, felicidades e tristezas, que foram essenciais nessa etapa.

E, por fim, agradeço a UFSC, por ser gratuita, pública e plural, em que tive oportunidade de estudar e adquirir muitos conhecimentos que sempre irei levar no meu coração e espero utilizar os aprendizados em sala de aula como futura professora atuante.

A todos, muito obrigada!

Narrar é criar, pois viver é
apenas ser vivido.

Fernando Pessoa (1888-1935)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Vozes que circulam: os caminhos da narração de histórias* tem como objetivos pesquisar a narração de histórias e seu papel na educação das crianças, bem como, a partir de referencial teórico sobre a temática, debater sobre a importância desse fazer na formação profissional docente. Trata-se de uma pesquisa que se configura como qualitativa, no sentido de, no movimento da investigação, buscar responder às questões particulares mediante algumas inquietações surgidas no processo formativo para o exercício da docência. Assim foram destacadas três questões centrais na investigação: quais os pressupostos da contação/ narração de histórias para a efetivação da arte de contar para as crianças? Qual seu papel na educação? Como identificar os elementos necessários na preparação da narração? Desse modo, os objetivos específicos são: realizar levantamento bibliográfico e documental, com o intuito de produzir um registro que possibilite reflexão sobre a produção científica acerca da temática da pesquisa; discorrer sobre o ato da narração de histórias e as possíveis contribuições para a formação docente na educação infantil tendo por base pesquisas realizadas sobre a temática; conhecer os pressupostos teórico da contação/narração de histórias para a efetivação da arte de contar para as crianças, Identificar os elementos necessários na preparação da contação/narração de histórias mediante as vozes dos contadores de histórias.. Foi realizado levantamento bibliográfico e documental, com o intuito de produzir um registro que possibilitasse a reflexão e síntese sobre a produção científica acerca da temática desta pesquisa. Foram ancorados estudos de pesquisadores e contadores de histórias, como os aportes de autores como: BRITTO & PACHECO, 2018; GIRAEDELLO, 2003, 2014; BUSATTO, 2012; MACHADO, 2004, PAMPLONA, 2021, entre outros. Como resultado, é possível afirmar que essa investigação auxiliou alcançar uma maior compreensão quanto a temática da arte da contação de histórias, no sentido de perceber a importância de se obter preparação e repertório no exercício da docência, bem como possibilitar um maior contato das crianças com a literatura infantil nas Instituições de Ensino, contribuindo para seu desenvolvimento e experiências mediante o universo das histórias da tradição oral e da literatura.

Palavras-chave: Narração. Contação de histórias. Educação Infantil. Literatura Infantil.

ABSTRACT

It s a qualitative research that seeks to answer to particular questions through some concerns that emerged in the training process for the exercise of teaching. Thus, three central questions were highlighted in the investigation: what are the assumptions of storytelling/of narrating stories for the realization of the art to tell stories for children? What is its role in education? How to identify the necessary elements in the preparation of narration? Therefore, the specific objectives are: to carry out a bibliographic and documentary survey, in order to produce a record that allows reflection on the scientific production on the research theme; to talk about the act of storytelling and the possible contributions to teacher training in early childhood education based on research made on the subject; to know the theoretical assumptions of storytelling/narration for the realization of the art of storytelling for children, to identify the necessary elements in the preparation of storytelling/narration through the voices of storytellers. Studies by researchers and storytellers were carried out, such as contributions from authors such as: BRITTO & PACHECO, 2018; GIRAEDELLO, 2003, 2014; BUSATTO, 2012; MACHADO, 2004, PAMPLONA, 2021, among others. As a result, it is possible to affirm that this investigation helped to achieve a greater understanding about the theme of the art of storytelling, in the sense of noticing the importance of obtaining preparation and repertoire in the exercise of teaching, as well as enabling greater contact of children with the children's literature in Educational Institutions, contributing to their development and experiences through the universe of oral tradition stories and literature.

Keywords: Narration. Storytelling. Child education. Children's literature.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Maria Natalia da
Vozes que circulam: os caminhos da narração de histórias
/ Maria Natalia da Silva ; orientador, Lilane Maria de
Moura Chagas, 2022.
69 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências
da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Pedagogia. 3. Narração de Histórias. 4.
Caminhos da narração . 5. Vozes que circulam. I. Chagas,
Lilane Maria de Moura. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Pedagogia. III. Título.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Página Inicial do site Boca do Céu.....	58
Figura 2- Banner de divulgação do XI Encontro de Contadores de Histórias do Sergipe.....	59
Figura 3- Banner de divulgação do Festival Nacional de Contadores de Histórias de Ponta Grossa.....	60
Figura 4- Banner de divulgação do II Encontro de Contadores de História de Minas Gerais.....	61
Figura 5- Banner de divulgação do Festival Baiano Literário de Contação de Histórias.....	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
1.1 Objetivo Geral	23
1.2 Objetivos Específicos	23
2. CAMINHOS DA PESQUISA: ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS	24
3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS	37
4. AS VOZES DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS: DA PREPARAÇÃO À CONTAÇÃO	43
4.1 FIOS QUE SE ENTRELAÇAM NA FORMAÇÃO DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS: EVENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	57
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa contém como tema a contação de história¹, no qual pretendo compreender melhor os pressupostos da arte de contá-la e como elas – as histórias - podem contribuir na formação docente, uma vez que parto do pressuposto de ser importante as crianças terem contato com experiências narrativas desde muito pequenas.

Durante minha trajetória de vida, o contato com a literatura e as histórias foi relevante desde a infância, tanto no ambiente familiar quanto no escolar. Destaco que durante essa fase tive contato com algumas narrativas que eram contadas por pessoas da minha família, sobretudo os meus pais. Mesmo que já houvesse sido partilhada anteriormente, era como se elas florescessem novamente, pois a forma de serem contadas era sempre diferenciada. Meus pais, ou meus professores, buscavam novas formas para me contar as histórias. Sempre tinham um novo detalhe a ser revelado. Por muitas vezes ouvi os mesmos contos mais de uma vez. O meu contato com algumas literaturas e histórias também fizeram parte do meu cotidiano escolar. Lembro de alguns livros que tinham capas coloridas, histórias encantadoras e interessantes personagens, entre eles: Branca de Neve, Cinderela, A Bela e a Fera, Os Três Porquinhos, entre outras histórias – estas que também foram contadas por minha família. Eram momentos mágicos, fantásticos, em que eu tinha a possibilidade de imaginar e me provocava a sensação de estar presente na constituição de cada personagem, no enredo e na magia durante as leituras.

Quando fui crescendo, o interesse pela literatura foi crescendo junto e alguns anos, após ingressar no curso, surgiu o desejo de pesquisar sobre a temática da narração de histórias. Esse interesse pela temática foi crescendo principalmente após eu iniciar o estágio não-obrigatório, realizado no Núcleo de Desenvolvimento Infantil, no período de junho de 2018 a agosto de 2019, com crianças de 2 a 3 anos de idade. Nesse período, tive a possibilidade de vivenciar um contato direto com a contação de histórias e as suas possibilidades e perceber como, por meio do trabalho de leitura com as crianças pequenas, é possível desenvolver diversos aspectos como a imaginação, a linguagem verbal, a interação social, entre outros. Também comecei a ter interesse por muitas outras temáticas durante minha formação acadêmica. No decorrer do curso de Pedagogia, principalmente nas disciplinas de Literatura e Infância, Linguagem, Escrita e Criança e as disciplinas de

¹ Em alguns momentos, ao longo da escrita vamos utilizar a palavra contação de histórias, em outros momentos, utilizaremos narração de histórias. Essa variação vai depender do contexto da frase e das referências utilizadas.

Educação e Infância, me deparei com perspectivas e teorias diversas sobre práticas educacionais com as crianças pequenas na esfera da educação infantil, sobre a leitura, os livros e a contação das histórias. Durante o curso, também foi considerável perceber que, na educação infantil, os professores têm o papel de mediadores, explorando e buscando desenvolver as crianças de forma integral, em todos os seus aspectos físicos, intelectuais, afetivos e sociais, compreendendo que cada uma é um sujeito singular e individual.

Também cabe salientar que as problematizações e inquietações quanto à temática surgiram no percurso do meu estágio não-obrigatório. Como bolsista, pude vivenciar muitos momentos de contação de histórias. Além de espaços de deleite, aprendizagem, momentos prazerosos em que as crianças podiam participar ouvindo, contando essas histórias, indagando e dialogando. Eram momentos ricos de detalhes e possibilidades nos espaços da educação infantil. Desse modo, algumas questões surgiram a partir de minha experiência nos momentos da narração de histórias vivenciados no estágio, a saber: como preparar contação de histórias no espaço da educação infantil? Qual o papel da contação de histórias na formação da criança? Os momentos de contação de histórias podem auxiliar no desenvolvimento integral das crianças? Qual a importância para o desenvolvimento das crianças terem contato com livros e as diversas histórias desde cedo? Qual a relevância de conhecer sobre a contação de histórias, ou melhor, sobre a arte de contar histórias para crianças pequenas? Essas, entre outras questões, foram surgindo e foram delineando meu interesse inicial sobre a temática da contação de histórias na educação infantil. Durante o percurso da pesquisa e no processo de estudo, delimitamos melhor nossas questões em que se fez necessário realizar recortes devido o tempo limitado destinado para a realização da pesquisa. Assim, foram destacadas duas questões centrais na investigação: quais os pressupostos da contação/ narração de histórias para a efetivação da arte de contar para as crianças pequenas? Qual seu papel na educação das crianças? Como identificar os elementos necessários na preparação dessa narração?

Diante desse breve exposto, destaca-se os seguintes objetivos da presente pesquisa:

1.1 Objetivo Geral:

- Pesquisar a narração de histórias e sua contribuição para os processos formativos da criança.
- Desenvolver, a partir de referencial teórico sobre a contação de histórias, debate sobre a importância dessa formação profissional docente.

1.2 Objetivos Específicos:

- Realizar levantamento bibliográfico e documental, com o intuito de produzir um registro que possibilite reflexão sobre a produção científica acerca da temática da pesquisa;
- Discorrer sobre o ato da narração de histórias e as possíveis contribuições para a formação docente na educação infantil tendo por base pesquisas realizadas sobre a temática;
- Conhecer os pressupostos teórico da contação/ narração de histórias para a efetivação da arte de contar para as crianças;
- Identificar os elementos necessários na preparação da contação/narração de histórias mediante as vozes dos contadores de histórias.

A seguir, será apresentada a organização do texto, em que será discorrido sobre o ato da narração de histórias e as possíveis contribuições para a formação docente na educação infantil, apresentando as seguintes divisões: será apresentado na introdução a gênese do interesse pela temática, com algumas indagações centrais e os objetivos que foram traçados na pesquisa. Serão mostrados os aspectos teóricos-metodológicos e, por meio de duas tabelas, serão apresentados os trabalhos utilizados como fundamento teórico na presente pesquisa qualitativa.

No capítulo dois serão apresentados os pressupostos teóricos da contação/ narração de histórias para a efetivação da arte de contar para as crianças, estabelecendo relação com a educação infantil. Em sequência, no capítulo será trazida pela voz do contador de histórias, os elementos centrais para que a narração aconteça, os fundamentos para preparação da contação/narração. Serão descritos alguns critérios de escolha das histórias buscando compreender os pressupostos da contação para as crianças pequenas, entre outros elementos intrínsecos na contação. No capítulo quatro abordamos o que os contadores de histórias contam sobre os aspectos da contação, identificando os elementos que, segundo eles, são necessários. A partir da pesquisa, busca-se descrever essas e outras questões que tenham relação com a arte de contar histórias e a sua contribuição para os processos formativos da criança. Por fim, nas considerações finais destacamos o que a investigação sobre a temática permite compreender para a formação profissional docente no Curso de Pedagogia.

2. CAMINHOS DA PESQUISA: ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

Para alcançar os objetivos da pesquisa, foi considerada a perspectiva das ciências humanas. Assim, destaca Gil, que “pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. (GIL, 1987, p. 43). Visando ampliar essa definição sobre pesquisa, Minayo destaca que,

entendemos por *pesquisa* a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação” (MINAYO, 2007, p. 16).

Sendo assim, a presente pesquisa se configura como qualitativa, no sentido em que a autora aponta que, no movimento da investigação, se busca responder às questões particulares, desenvolvidas pelo pesquisador mediante suas inquietações com a realidade, com a vida em movimento. Tendo por objetivo possibilitar o entendimento do pesquisador com sua temática, explícita Minayo (2007) que

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deve ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com os seus semelhantes.” (MINAYO, 2007, p. 21).

Seguindo essa linha de pensamento e visando responder as questões centrais da presente pesquisa, foram feitos estudos de temas que abordam a temática da investigação do trabalho, no intuito de conhecer outras vozes sobre o tema, Hubes (2017) evidência que,

[...] o texto-enunciado produzido pelo pesquisador é sustentado por outras vozes, outros discursos que, ao se projetarem nesse novo contexto enunciativo, provocarão outros efeitos de sentidos que serão validos pela sua re-enunciação. [...] É nessas condições, então, que um novo texto-enunciado é criado, ampliando-se o diálogo entre os sujeitos e, conseqüentemente, o campo de conhecimento. (HUBES, 2017, p. 556).

Conforme Hubes, a pesquisa é uma construção em que são utilizadas outras vozes para descrever as ideias e elaborar discursos. Assim, torna-se possível expressar de forma mais objetiva quanto às formas de pensamento e elaborar a escrita, de forma que seja possível demonstrar o conhecimento quanto à temática. É por meio de repertórios diversos adquiridos ao longo do processo da pesquisa, que o contato de forma direta e indireta com a temática pode ir se constituindo mediante processos de leitura, estudo e diálogos com as fontes, e, desse modo, as próprias ideias, argumentações e conclusões sobre o tema de estudo vão se desenvolvendo.

Nessa linha de pensamento, foi realizado um levantamento bibliográfico e documental, com o intuito de produzir um registro que possibilitasse a reflexão e síntese sobre a produção científica acerca da temática desta pesquisa. O intuito de realizar primeiramente uma revisão bibliográfica foi no sentido de constituir e apurar nosso objeto de estudo visando esclarecer com outros dados nossa preocupação sobre alguns aspectos de nossa temática, respeitando e conhecendo o que foi já escrito sobre ele. Desse modo, a revisão bibliográfica foi realizada no repositório da UFSC e na plataforma Google Acadêmico. O intuito era encontrar trabalhos que tivessem relação com o tema, a fim de responder as questões centrais e alcançar os objetivos de pesquisa.

No repositório da UFSC, foi realizado o mapeamento das pesquisas sobre a temática da contação de histórias, com a palavra-chave “Contação de histórias”. Foram encontrados 206 trabalhos. Para a seleção, foram selecionados os títulos que tivessem maior relação com a arte de contar histórias na educação infantil, e, na sequência, foi realizada a leitura dos resumos. O recorte foi no sentido de destacar apenas os trabalhos que tivessem maior relação com a temática da pesquisa, conforme segue a tabela:

A narração de histórias: uma experiência de interação, criação e imaginação entre o narrador e o ouvinte	TAVARES, Samantha (2014) TCC	O objetivo desta pesquisa é compreender a relação entre narração de histórias, imaginação e	https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/196476/Samantha%20Tavares.pdf?sequence=1&isAllowed=y
--	--	---	---

		criança, e a importância desta para as crianças, e quais são as suas contribuições para o imaginário infantil.	
A narração de histórias no espaço escolar: a experiência do pró-leitura	UMBELINO, Janaina Damasco (2005) Dissertação	A dissertação analisa aspectos da narração de histórias em um contexto em que ela é praticada de forma institucionalizada na Escola de Aplicação do Instituto Estadual de Educação, em Florianópolis.	https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/101666/22481.pdf?sequence=1&isAllowed=y
A narrativa como caminho de formação: um estudo sobre a arte de narrar, a experiência e a imaginação na escola	FERREIRA, Carolina Arruda.(2017) Mestrado	A Pesquisa teve como objetivo explorar a relação entre uma formação escolar centrada em narrativas e o desenvolvimento de processos de subjetivação.	https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/191258/PEED1314-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y

Contação de história na constituição da criança leitora: um diálogo com a literatura infantil	TAVARES, Gabriella da Silva. (2018) TCC	O objetivo da pesquisa é compreender a contação de história na constituição da criança leitora a partir de referenciais teóricos que subsidiam a compreensão sobre o ato de contar histórias para crianças.	https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/196099/gabriella%20da%20silva%20tavares.pdf?sequence=1&isAllowed=y
Infância, criança, escola nas pesquisas educacionais sobre narração de histórias	COSTA, Caroline Machado (2009) Mestrado	A pesquisa tem como objetivo compreender como são abordadas as relações entre educação, criança, infância e	https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93016/276401.pdf?sequence=1&isAllowed=y

		narração de história na escola.	
Quem conta um conto...: a narração de histórias na escola e suas implicações pedagógicas	BELLO, Sergio Carneiro (2004) Mestrado	Essa dissertação procura fundamentar teoricamente a prática da narração de histórias na escola. Apoia-se em um estudo bibliográfico e depoimentos de educadores.	https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/87352/269683.pdf?sequence=1&isAllowed=y
A profissionalização do contador de histórias	FLECK, Felícia de Oliveira (2009) Tese	O objetivo principal da pesquisa é analisar o fazer do contador de histórias contemporâneo a partir da teoria das profissões	https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92759/269436.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Fonte: Quadro elaborado pela autora

Esse primeiro levantamento (conforme quadro acima) possibilitou ampliar o conhecimento quanto à temática da contação de histórias, possibilitando mais referências para compreender a temática de nossa pesquisa. Desse modo, destaca-se que:

Samantha Tavares (2014) produziu um trabalho com o título: “A narração de histórias: uma experiência de interação criação e imaginação entre o narrador e o ouvinte”, que tem como objetivo compreender a relação entre narração de histórias, imaginação e criança, a importância desta para as crianças e quais são as suas contribuições para o imaginário

infantil. Em que aborda sobre um recorte do que contam os contadores de histórias na cidade de Florianópolis. Posteriormente, aponta que a narração de histórias na escola é essencial para o desenvolvimento da atividade criadora.

Janaina Umbelino (2005) produziu uma dissertação com o título: “A narração de histórias no espaço escolar: a experiência do pró-leitura”, que tem como objetivo analisar aspectos da narração de histórias em um contexto em que ela é praticada de forma institucionalizada na Escola de Aplicação do Instituto Estadual de Educação, em Florianópolis. Esse projeto tem como objetivo a formação de leitores a partir de atividades de leitura e escrita. A pesquisa teve três etapas: observação, entrevistas e grupos de discussão. Ao final, a autora nos descreve aspectos que foram alcançados no decorrer da pesquisa, um deles sendo que as crianças compreenderam o valor da narração de histórias, mesmo em contextos diferentes.

Carolina Ferreira (2017) produziu uma dissertação com o título “A narrativa como caminho de formação: um estudo sobre a arte de narrar, a experiência e a imaginação na escola”, em que a pesquisa teve como objetivo explorar a relação entre uma formação escolar centrada em narrativas e o desenvolvimento de processos de subjetivação, e realizou sua pesquisa em escolas de Pedagogia Waldorf. Além da observação participante, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, de cunho autobiográfico, com cinco adultos. O estudo ajudou a alcançar uma compreensão mais precisa sobre a relação entre narrativas e processos de subjetivação na aprendizagem, em concomitância com a formação do “eu”.

Gabriella Tavares (2018) produziu um trabalho com o título: “Contaçon de história na constituição da criança leitora: um diálogo com a literatura infantil”, em que a pesquisa teve como objetivo compreender a contaçon de história na constituição da criança leitora, a partir de referenciais teóricos que subsidiam a compreensão sobre o ato de contar histórias para crianças. Além de conhecer a literatura já existente e formular alguns pressupostos sobre o assunto por meio de uma pesquisa bibliográfica. Tavares buscou referências teóricas de autores e pesquisadores que evidenciam o desenvolvimento da constituição da criança leitora.

Caroline Costa (2009) produziu uma dissertação com o título: “Infância, criança, escola nas pesquisas educacionais sobre narração de histórias”, obteve como objetivo compreender como são abordadas as relações entre educação, criança, infância e narração de história na escola. Buscou entender cada um dos conceitos centrais da pesquisa e suas relações com o que se quer pesquisar. Diante disso, procurou levantar-se e discutir sobre

alguns elementos acerca de conceitos considerados fundamentais.

Sergio Bello (2004) produziu uma dissertação com o título: “Quem conta um conto...: a narração de histórias na escola e suas implicações pedagógicas”. A dissertação em questão teve como objetivo procurar fundamentar teoricamente a prática da narração de histórias na escola. Apoia-se em um estudo bibliográfico e depoimentos de educadores. Buscou estabelecer relações entre a linguagem oral e a linguagem escrita, e suas implicações nos processos de letramento. Ao final da dissertação, foi possível chegar às conclusões que fundamentam a narração de histórias enquanto trabalho pedagógico.

Felícia Fleck (2009) produziu uma dissertação com o título “A profissionalização do contador de histórias”, em que a pesquisa teve como objetivo principal analisar o fazer do contador de histórias contemporâneo a partir da teoria das profissões. A pesquisa também discorre sobre o reaparecimento do contador, em sua configuração contemporânea, a partir das últimas décadas do século XX, no qual buscou compreender a profissionalização desses contadores. Para a realização do trabalho, utilizou questionários e entrevistas.

Prosseguindo com o levantamento bibliográfico, foi realizada uma busca no Google Acadêmico utilizando a palavra-chave “Contação de Histórias”. Desse modo, houve um filtro de tempo entre os anos de 2017 a 2021. Contudo, ainda foi extenso o número de trabalhos que surgiram: aproximadamente 15.700. Diante do resultado, foi realizada uma busca nas primeiras 10 páginas, e assim foi verificado uma média aproximada de 100 trabalhos. Não obstante, para realizar a seleção mediante esse número encontrado, percebeu-se que não haveria tempo hábil na pesquisa para dar conta desse levantamento. Sendo assim, foram levantados os títulos desses 100 trabalhos, contando com as variações de gêneros textuais, como: TCCs, artigos, teses, dissertações, e foram selecionados somente os títulos em que tivessem relação com o tema e os objetivos da presente pesquisa – “contação de histórias na relação com a educação infantil”.

Na sequência, foi realizada a leitura dos resumos dos trabalhos encontrados, priorizando as pesquisas que abordavam sobre a temática da arte de contar histórias e que apontassem como objeto de estudo as contribuições para o desenvolvimento integral da criança. Esse recorte possibilitou classificar apenas cinco pesquisas em que há aproximação com o objeto pesquisado e que permitiu realizar uma leitura integral do trabalho. A saber:

<p>A Contação de Histórias para crianças da educação infantil</p>	<p>OLIVEIRA, Marineis Souza de. (2020) (TCC)</p>	<p>O trabalho foi desenvolvido como uma pesquisa abordando estudos já realizados sobre contação de histórias na educação infantil mostrando que este será rico no sentido de contribuir para o desenvolvimento das crianças.</p>	<p>https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/995/1/MARINEIS%20REVISADA%20monografia_%20ATUROIZA%20O%29%204.pdf</p>
<p>A Educação da função imaginante: conceitos e fundamentações para a abordagem pedagógica da contação de histórias</p>	<p>Britto, L. P.L, & Pacheco, F. E. da C. (2018) (ARTIGO)</p>	<p>O artigo tem como objetivo investigar, analisar e discutir alguns conceitos e fundamentações da contação de histórias no âmbito da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.</p>	<p>https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/45467/pdf</p>

<p>A Importância da Expressividade na Contação de histórias em contexto de educação pré-escolar e ensino do 1 ano CEB.</p>	<p>CARDOSO, Miriam Teixeira Paulo. (2018) (TCC)</p>	<p>O projeto de investigação centra-se na importância das histórias nas aprendizagens das crianças, apresentando as melhores estratégias na contação de histórias.</p>	<p>https://www.proquest.com/openview/b38e5b6d5f48ed49603724ef107051a3/1?pq-origite=gscholar&cbl=2026366&diss=y</p>
---	--	--	--

<p>A Influência da contação de histórias na educação infantil</p>	<p>FARIA, Inglide Graciele. FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes. GUIMARÃES, Maria Severina Batista e FALEIRO, Wender. (2017) (Artigo)</p>	<p>O objetivo foi analisar a contribuição da contação de histórias para a Educação Infantil, versando sobre o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos e sua relação direta com a arte e a cultura da comunicação oral.</p>	<p>https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/6368</p>
<p>Leitura e</p>	<p>AZEVEDO,</p>	<p>A pesquisa tem</p>	<p>https://bdm.unb.br/</p>

<p>contação de histórias: desenvolvimento da imaginação na educação infantil</p>	<p>Beatriz Barbosa. (2018) (TCC)</p>	<p>como objetivo compreender o valor das práticas da leitura e contação de histórias no desenvolvimento da imaginação das crianças na educação infantil.</p>	<p>bitstream/10483/21373/1/2018_BeatrizBarbosaAzevedo_tcc.pdf</p>
---	--------------------------------------	--	---

Fonte: Quadro elaborado pela autora

Marineis Souza Oliveira (2020) produziu um trabalho com o título: “A Contação de Histórias para crianças da educação infantil”, em que o trabalho foi desenvolvido como uma pesquisa abordando estudos já realizados sobre contação de histórias na educação infantil, revelando contribuições para o desenvolvimento das crianças. E para fundamentar o trabalho, pesquisou artigos e livros que confirmaram a importância do ensino na educação infantil a partir da contação de história.

Luiz Percival Leme Britto e Francisco Egon da Conceição Pacheco (2018) produziram um trabalho com o título: “A Educação da função imaginante: conceitos e fundamentações para a abordagem pedagógica da contação de histórias”, que tem como objetivo investigar, analisar e discutir alguns conceitos e fundamentações da contação de histórias no âmbito da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Esse estudo apoia-se nas contribuições pedagógicas de professores contadores de histórias e apresenta como aporte teórico as investigações de Vigotski sobre a imaginação criadora da criança, compreendendo a emergência de referenciá-la como uma característica humana educável.

Miriam Cardoso (2018) produziu um trabalho com o título: “A Importância da Expressividade na Contação de Histórias em contexto de educação pré-escolar e ensino do 1 ano CEB”, no qual o projeto de investigação centra-se na importância das histórias nas

aprendizagens das crianças, apresentando as melhores estratégias na contação de histórias. Ressalta a importância de considerar a faixa etária e a constituição do grupo para os momentos de contação de história.

Inglide Graciele Faria, Sebastiana de Lourdes Lopes Flaviano, Maria Severina Batista Guimarães e Wender Faleiro (2017), produziram um trabalho com o título: “A influência da contação de histórias na Educação Infantil”, em que o objetivo foi analisar a contribuição da contação de histórias para a Educação Infantil, versando sobre o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos e sua relação direta com a arte e a cultura da comunicação oral, considerando encantar, despertar emoções, aguçar a sensibilidade, estimular a imaginação e trabalhar o corpo e a mente sincronicamente. Desse modo, as reflexões apresentadas convidam a pensar numa educação mais humana e significativa, pautada nas vivências, nas aprendizagens e nas experiências estéticas vinculadas à enunciação oral.

Beatriz Azevedo (2018) produziu um trabalho com o título: “Leitura e contação de histórias: desenvolvimento da imaginação na educação infantil”. A pesquisa tem como objetivo compreender o valor das práticas da leitura e contação de histórias no desenvolvimento da imaginação das crianças na educação infantil. Assim, buscou compreender a ligação entre a literatura infantil e imaginação, identificando os processos em que os dois estão constituídos, também por meio de seu estudo. Entendeu que a contação de histórias possibilita experiências e desafios para as crianças e que o professor precisa planejar, escolher a história e os recursos para esses momentos de contação.

Os trabalhos acima descritos auxiliam na construção do repertório aqui apresentado quanto à temática da contação de histórias, além de ajudar a pensar e refletir sobre a temática em questão e alcançar o objetivo de descrever, na sequência, as contribuições que são consideradas relevantes sobre a arte da contação/narração de histórias. Considerando as características próprias do trabalho da educação infantil, pretende-se ressaltar o papel da contação/narração na educação das crianças.

Compreende-se que o ato de contar histórias é uma atividade antiga, que vem de séculos atrás, como descreve Tavares que as histórias são

de origem muito antiga, tão antiga que não podemos especificar a data de surgimento. O contador de histórias dos tempos passados sempre contou histórias que sabia de memória e simplesmente encontrou quem o escutasse, em todo lugar, desde muito tempo, que assim preservou-se a ideia básica de que quem conta, conversa a história para divulgar através de gerações, essa atividade que vem propiciando a troca de experiências e conhecimentos entre os seres humanos. (TAVARES, 2014, p.14)

Conforme Tavares (2014) , a narração de histórias é um acontecimento tão antigo que não temos dimensão de sua origem, de onde surgiu, entretanto, temos o conhecimento que a contação sempre existiu, e que muitas das narrações que conhecemos atualmente, como os clássicos da literatura infantil, A Branca de Neve, A Bela Adormecida, A Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, O Pinóquio, O Patinho feio, João e o pé de Feijão, Os Três Porquinhos, entre outros, foram passadas de geração em geração, por diversas pessoas de variadas localidades, até chegar ao nosso domínio, tendo seus conteúdos, características, formas e especificidades preservadas, se não totalmente, parcialmente, pois sabemos que algumas histórias foram adaptadas, apresentando algumas mudanças em sua estrutura e organização. Souza e Feba (2011), também descrevem que a contação de histórias vem de longa data. Assim, afirmam que

[...]Uma das formas mais antigas das gerações maduras passarem ensinamentos para as gerações mais novas é pela contação de histórias, muito usual nas sociedades sem escrita e sem escola. Os valores, as crenças, a cultura, enfim; é fixada por meio das histórias contadas de uma geração a outra (SOUZA E FEBA, 2011, p.98)

Sabe-se que o ato de contar histórias não é recente e que é uma das atividades humanas mais antigas que temos. Assim, é possível compreender que o ato de contar essas histórias sempre esteve presente nas culturas diversas dos povos originários de um determinado lugar no mundo deixaram um legado de muitas e diversas histórias. De modo geral, pode-se dizer que os momentos de contação de histórias vêm de longa data e muitas vezes as narrativas ocorriam sem acesso a livros e ou a literatura. São histórias passadas de geração em geração, que revelam rituais, costumes, valores, conhecimentos, ensinamentos, entre outros aspectos. Histórias diversas em que cada um conta de uma forma e de um jeito. Assim, a escuta, a memória e a oralidade são os fios condutores que integram o universo da tradição oral, os valores civilizatórios, resgatando herança e memória de diferentes povos ancestrais.

Bora contar nossa história? Com nossa
verdade?
Pra nunca esquecer as tribos
Pra nunca esquecer as bruxas queimadas
E todo o povo que resiste
Esse é o nosso jeito de dizer de onde
viemos e pra onde queremos ir [...] (COISALUZ, 2021)²

De modo geral, o cotidiano é repleto de histórias contadas por terceiros ou histórias

² Cf. Canção sobre a força de conhecer as histórias dos ancestrais:
<https://www.youtube.com/watch?v=eyOUDHTqTqU>

conhecidas por vários povos e repassada por séculos e décadas, e está presente por toda parte e cada cultura estabelece seus modos e formas de realizá-la de modos diversos. Hoje, é possível encontrar muitas histórias contadas pela tradição oral circulando mediante o objeto livro. (MUNDURUKU³; 2018; KRENAK, 2016; POTIGUARA, 2016). Cada contador irá contar segundo sua forma de interpretação, a entonação dada às palavras e ao ritmo em cada narrativa. Cada leitor, cada ouvinte, interpretará e encontrará diversos sentidos. Nessa linha de pensamento, SILVA (2018) afirma que

contar histórias não é uma atividade recente, é uma arte de tempos imemoriais, uma das mais antigas ligadas à essência humana. Nas diversas sociedades e contextos históricos, assumiu formas, performances e pretextos de acordo com os valores, crenças e paradigmas vigentes. (SILVA, 2018, p. 197 e 198).

Assim, se considerar a vida cotidiana, os seres da linguagem, os humanos, narram histórias todos os dias, considerando que a contação de histórias é um fato social que ocorre de diversas formas, desde falar sobre acontecimentos de vida, coisas comuns do cotidiano, até vivências e experiências dos sujeitos nas relações sociais. Nas demais esferas sociais (escola, bibliotecas, hospitais, praças...), o ato de narrar pode ocorrer com ou sem o apoio e suporte de livros. Histórias conhecidas, como os clássicos da literatura, são contos passados por décadas e que nos apresentam a vida de diferentes perspectivas. Salientando a relação do contar histórias, Chagas (2006, p. 94) com base em BENJAMIN (1994) sinaliza que,

A forma artesanal de comunicação mergulha o fato narrado na vida do narrador para em seguida retirá-la dele, ou melhor, o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. Ele imprime na narrativa a sua marca: como a mão do oleiro na argila do vaso, seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata. (CHAGAS, 2006, p.94).

Dito isso, no momento em que o narrador utiliza de suas experiências anteriores ou do que já ouviu para contar a história, ele está incorporando sua marca na narração, em que se tem a possibilidade de contar a história do seu jeito, com sua voz e seu corpo para quem ouve visando promover um momento prazeroso e agradável entre contadores e ouvintes.

³ Daniel Munduruku é um exemplo de ser um dos primeiros escritores indígenas do Brasil, e que escreveu para além do seu povo, além de escrever para sua cultura, escreveu para diversos outros públicos também. Ele salienta que, desse modo, ele foi criador de um movimento para seu povo, criando toda uma possibilidade para sua geração, criando sua geração e estimulando jovens a serem escritores indígenas. Hoje, já são mais de trinta autores e nesse sentido, muitos escritores vão nascer devido a essa inspiração do exemplo que eles têm dos autores.

3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

O ato da contação de história como é conhecido hoje, é um meio de comunicação e interação com o outro, além de ser arte. E nessa arte, ensinamentos de povos ancestrais, conselhos de velhos sábios, experiências das jornadas de heróis e heroínas, encantamentos de princesas, magias de bruxas são passados e revelados nos momentos da narração e no processo de ouvir e ser ouvido.

As crianças pequenas estão em um processo de constante aprendizado e apropriação do mundo. Desse modo, Brito explica que: "[...] ao ouvir a história, o leitor é transportado para um mundo onde tudo é possível: tapetes voam e galinhas põem ovos de ouro. Essa é a magia da fantasia" (BRITO, 2002, p. 18). Esses contos devem estar inclusos na prática pedagógica dos professores de educação infantil, pois, ao contar e ouvir histórias, surgem possibilidade de entrar em um mundo encantado, um universo imaginário, de modo que a imaginação pode possibilitar pensamentos diversos e variados, que por certo estão distantes da realidade objetiva, mas que podem estar vivos possibilitando o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Com base em Vigotski (1998) essas (FPS), memória, consciência, percepção, atenção, fala, pensamento, vontade, formação de conceitos e emoção, se intercambiam em uma rede de nexos ou relações e formam, assim, um sistema psicológico, em que as funções se relacionam entre si. Podemos afirmar que essas funções se caracterizam pela mediação semiótica e são constituídas por meio das interações sociais. Esta postulação Vigotskiana redimensiona o papel da escola, situando-a como um local privilegiado de aprendizagens, por isso mesma promotora do desenvolvimento dos sujeitos.

O contato das crianças com a literatura infantil, por meio da contação de histórias é uma possibilidade na relação da tríade criança~história-livro, contribuir para o desenvolvimento pelo gosto pela leitura, desenvolvam a imaginação e ampliem seus conhecimentos de mundo. (BRASIL, 2017, p. 40). Por meio das contações de diversas histórias, é possível que as crianças explorem seus aspectos da imaginação, conheçam outras realidades, outras concepções de cotidiano que estão acostumadas, adicionando esses conhecimentos à realidade delas, desde pequenas. Faz-se mister que elas tenham acesso a um bom repertório de histórias e contos.

Girardello (1998) compreende a narrativa como "[...] uma instância intermediária

entre o imaginário e a cultura [...] (Girardello, 1998, p.44)”. A narração como processo, movimento, vai além dos aspectos linguístico, do discursivo e da comunicação, e todo esse acontecimento ocorre quando o narrador conta uma história para outras pessoas, sendo elas ouvintes. A partir das contações de histórias e de ouvi-las sendo contadas, é possível conviver com novas experiências e possibilidades, como Girardello (2003) descreve:

[...] é ouvindo histórias (lidas e também contadas livremente, inspiradas na literatura ou na experiência vivida) e vendo ouvidas as suas próprias histórias que eles aprendem desde muito cedo a tecer narrativamente sua experiência, e ao fazê-lo vão se constituindo como sujeitos culturais (GIRARDELLO, 2003. p.10).

As contações de histórias favorecem o desenvolvimento das crianças, mediante as possibilidades de riquezas de vivências narrativas, contribuindo para o desenvolvimento da imaginação e para a elaboração do seu desenvolvimento integral, por meio do uso da contação de histórias na educação infantil, em que as crianças precisam ter acesso às narrativas e contos para se desenvolverem. Salientando esses aspectos, Chagas e Valente nos descrevem que,

Sabemos que o acesso das crianças a livros de qualidade também é limitado e também sabemos que as crianças, que desde muito cedo são instigadas a ler, a escutar histórias e que não são privadas dessas vivências artísticas, provavelmente se tornarão adultos apreciadores do ato da leitura, pois exercitarão a curiosidade, ampliarão os limites da vida cotidiana, se emocionarão e, possivelmente, imaginarão as mais variadas possibilidades criativas da mente humana. Esse processo não é esquecido, mas configurado, conservado e renovado na memória, exercendo um papel importante na formação e no desenvolvimento das crianças. (CHAGAS E VALENTE, 2014, p. 115-116).

Entende-se que o prazer pela leitura é desenvolvido pelas crianças ao longo de sua vida, inclusive no seu contexto escolar. Caso ela seja estimulada e instigada desde cedo, é possível que consiga desenvolver o gosto pela leitura, aprendendo a cada dia algo diferenciado e inovador. Cada criança se desenvolve de uma forma distinta e com os processos de leitura não é diferente. Elas ampliam seus repertórios linguísticos, artísticos, desenvolvendo sua linguagem oral, suas expressões, ao terem contato direto e constante com as histórias. Para Britto e Pacheco (2018),

No que diz respeito ao contexto escolar, a contação de histórias, percebida como linguagem artística e, portanto, abordagem estético-pedagógica, mostra-se relevante como prática educacional dotada de notável desenvoltura ao trato da imaginação humana, especialmente, de crianças pequenas, uma vez que, durante a sessão narrativa, não é a imaginação da criança que se move internamente de forma a produzir resultados subjetivos independentes, é a imaginação do professor contador de histórias que movimenta e enriquece o imaginário infantil na prática social escolar, expandindo a experiência

estética da criança no mundo da cultura (BRITTO e PACHECO, 2018, p. 54).

Britto e Pacheco explicitam que, no primeiro momento, na contação de histórias a imaginação da criança não é voluntária, dela própria. Ela precisa ser educada a desenvolver e a produzir sua criatividade de forma individual e com suas particularidades e peculiaridades, de modo que, é papel do professor abordar na contação de histórias elementos que possibilitam a criança a ter seus pensamentos e desenvolver o imaginário por conta própria, e, devido a isso, ela consegue constituir suas experiências e seu repertório de criatividade e imaginação inserida no mundo da cultura. De modo que, é

[...] pela educação da imaginação mediada pela arte, a criança amplia seu repertório de experiências e a sua sensibilidade estética, adensando-se como pessoa; pela educação da imaginação, a criança aprende as práticas sociais do projeto humano (BRITTO e PACHECO, 2018, p. 57).

É possível considerar que, por meio da educação e suas vivências, as crianças têm a elaboração da imaginação e se desenvolvem como ouvintes, possibilitando a ampliação de seus repertórios de histórias. É a partir do ato de contar histórias que as crianças têm a possibilidade de terem o contato com as artes e com novas experiências, que possivelmente não tiveram anteriormente. Rodrigues (2005) descreve que,

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real (RODRIGUES, 2005, p.4)

Além de auxiliar na imaginação, existem outros aspectos a serem explorados na contação de histórias, como nos discorre Busatto (2012):

Um conto nunca vai provocar o mesmo efeito nas diversas pessoas que o ouvem. É a história de vida de cada um que determinará com que cores e com que música ele vai soar. Uma princesa citada num conto jamais será a mesma personagem para as diferentes pessoas que estiverem ouvindo este conto. A minha princesa anda e fala como eu a imaginar, pois está determinante só compete a mim. (BUSATTO, 2012, p. 18)

A partir disso, é possível refletir que as experiências de vida que as crianças irão constituir, determinam como elas irão interpretar e compor sua própria particularidade sobre a história que foi contada. Afinal, cada uma irá construir as imagens em sua imaginação, os cenários que estão compostos, como está o dia que a história está sendo contada, e, com isso, a interpretação será única para cada criança. Além desse aspecto que a particularidade da história tem para a imaginação da criança, Machado (2004), descreve outro ponto

interessante quanto ao momento de contar histórias,

Acredito que o momento de contar histórias e também o trabalho se possa fazer com elas tem uma função, digamos, em si e ao mesmo tempo uma função ligada ao papel que o exercício da imaginação desempenha no processo de construção de conhecimento como um todo. (MACHADO, 2004, p. 27)

É considerável refletir quanto à contação de histórias e sobre o trabalho a partir desses momentos, como nos apresenta Machado, pois, é por meio das realizações das narrações que temos uma ampliação do nosso conhecimento de universo, pois as histórias ampliam nossos repertórios de elaboração de pensamentos. Por meio das narrações podemos ir além do que nos foi contado, criando imagens, cores, ambientes no nosso imaginário para favorecer a nossa compreensão sobre a história em questão, e, indo além, pode-se ampliar parte da interpretação dela, pois nossa imaginação vai agregando informações que anteriormente foram utilizadas por nós para auxiliar na nossa compreensão da contação. E sobre o contar histórias, destacamos as palavras de Tavares, considerando que

[...] Contar história é uma arte que encanta quem ouve, pois trazem novas experiências a quem vivencia. Muitas são as estratégias utilizadas pelo contador para envolver o seu ouvinte no enredo da fantasia e da imaginação, na medida em que o contador e o ouvinte compartilham juntas as emoções que a história transmite, caracterizando-se um momento de troca de interação (TAVARES, 2018, p. 25).

Quanto aos momentos de narração e contação de histórias, percebe-se que ocorre um momento de trocas, entre quem conta a história e quem a ouve. Relação essa que necessariamente precisa ser trabalhada por quem compartilha a história, pois ao escutá-la, é possível entrar em um mundo de fantasias, um novo universo, em que as emoções invadem a contação, e que se torna necessário para partilhar a história, pois como nos salienta Girardello (2014),

Se vamos contar a história de Rapunzel, precisamos enxergar a torre onde ela fica prisioneira da bruxa. Todos sabemos que a torre é alta, mas precisamos ver se ela é “alta como um poste de luz”, “alta como um prédio de cinco andares” ou “tão alta que fura as nuvens do céu”. Porque toda essa exatidão? Não será perigoso exagerar nos detalhes, descrever demais? (GIRARDELLO, 2014, p. 14).

Poderia ser interessante fazer perguntas às crianças após a contação, para conseguir ter um entendimento maior sobre o que elas mais gostaram da história, os aspectos que mais chamaram a sua atenção, questionar quanto às problemáticas dos livros, perguntando o quão grande acreditam ser o tamanho da torre, descobrindo um pouco quanto à percepção sobre grandezas, a fim de encontrar diversas respostas e possibilidades de desenvolver diálogo

com eles. Sendo possível considerar as diversas respostas desenvolvidas por elas. Desse modo, é necessário pensar na relação entre criança e livro que, segundo Sabino, Vieira e Pereira (2014), [...] “Quando falamos sobre a contação de histórias, temos que pensar numa literatura e certos procedimentos para a mediação entre criança e livro. É importante especificar um olhar para as produções destinadas à infância (SABINO, VIEIRA E PEREIRA, 2014, p. 212).

É preciso ter um olhar criterioso quanto às literaturas que vamos contar às crianças e a forma de realizar essa leitura, para que esse momento da contação seja agradável, sabendo que, por meio da contação de histórias, temos inúmeras possibilidades de trabalhar com propostas pedagógicas. Considerando que é por meio das literaturas que se encontra a oportunidade de abordar elementos como da imaginação, nos salienta Chagas e Valente, que

A literatura se apresenta aqui como uma fonte de riquezas inesgotáveis, pois dela emergem vários potenciais fruidores e criadores, multiplicando e transformando nossas interações e emoções. Assim o livro, como uma das produções literárias para as crianças, é um veículo criativo para compartilhar histórias a partir das suas mais diversas qualidades e experiências estéticas. (CHAGAS E VALENTE, 2014, p. 100-101)

Pode-se considerar a literatura inesgotável, devido à sua imensidão de possibilidades, em que, a partir de uma narrativa ou conto, temos diversos meios de abordagens, algumas mediações possíveis com a mesma história, algumas oportunidades de vivências, no qual, é por meio da contação que podemos abordar diversos contextos, culturas diversas e formas de trabalhar com fundamento na mesma narração.

Machado (2021) sinaliza quanto a literatura e sua relação com a criança, de modo que,

A literatura tem se constituído, na relação com a infância, como espaço privilegiado de apropriação do mundo pelas crianças e possibilidade de (re)conhecimento de si. Entendemos que, ao se dirigir a sujeitos que reconhecemos ativos no processo de apropriação do mundo, a literatura possibilita uma relação crítica das crianças com a cultura, num movimento de apropriação, representação e renovação da mesma. (MACHADO, 2021, p. 127)

Ainda sobre a literatura e os livros, pode-se acrescentar que é por influência das histórias que se constrói o repertório pessoal ao longo do tempo, que desenvolvemos nossa cultura, os pensamentos críticos e a formação como contadores de histórias na docência. Nessa linha de pensamento Pamplona destaca, [...] “as histórias contadas e ouvidas por você podem transformar suas relações interpessoais, melhorar sua capacidade de levar

informações e construir conhecimento” (PAMPLONA, 2021, p. 49)

Por meio das histórias, pode-se desenvolver novas descobertas, novos meios de contar e encantar as crianças com os momentos de contação, considerando que é quando a mesma história é contada mais de uma vez que se pode utilizar um “filtro” para saber o que precisa aprimorar, o que é positivo, e isso faz parte do processo de crescimento pessoal do contador de histórias. Um dos elementos existentes ao contar as histórias é que “a imaginação é a base para toda atividade de criação, e a cada experiência que vivemos nossa imaginação se amplia, sendo capaz de criar novos pensamentos e possibilidades.” (TAVARES, 2014, p. 20). Ao contar histórias, é possível que as crianças desenvolvam sua imaginação que é a base de toda criação, sendo fundamental que haja uma busca de meios para realizar a contação de forma organizada, em que seja possível explorar a imaginação e que elas possam se apropriar e construir uma relação proveitosa com a história. Em concordância com Tavares, sinalizam sobre a imaginação Chagas e Valente (2014, p. 100), que

[...] Não obstante, todos os seres humanos possuem a capacidade de criar, por mais que não tenhamos as mesmas condições sociais. A criação existe e está por toda parte, pois não deixamos de imaginar e criar coisas novas, mesmo que estas pareçam pequenas diante de grandes criações (CHAGAS E VALENTE, 2014, p. 100),

Todos possuem a capacidade de criação, mesmo que não haja acesso às mesmas possibilidades e aos repertórios que o outro pode ter, no entanto, a criação está dentro de cada um, aflorando-a o tempo todo, e, ao surgir pensamentos, a criatividade e a imaginação, ocorre um processo de desenvolvimento de ideias constantes e experiências nas vivências pessoais de vida. Sendo assim, compreendemos que mediante as contações de histórias, é possível trabalhar diversas questões com as crianças possibilitando a elas acessarem mundos imagináveis na relação ficcional e o real. Elas podem ser “incluídas” nas contações de histórias, de modo que podem entrar em diversas e diferentes histórias.

4. AS VOZES DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS: DA PREPARAÇÃO À CONTAÇÃO

Foi visto que, o momento da contação/narração de histórias sendo organizado e estruturado, pode ser um meio para muitos aprendizados, possibilitando o movimento nas crianças da imaginação. A partir disso, será descrito alguns meios e estratégias possíveis para o preparo e organização das histórias, além de ser discutido quanto aos elementos que são fundamentais para preparação desses momentos de contação/narração de histórias.

O primeiro passo é a escolha da história, seja no suporte livro ou não. Assim, salienta Pamplona que "ao escolher uma história para contar, é muito importante pesquisar sobre ela, entender de onde ela vem e quais as bases de criação" (Pamplona, 2021, p. 55). Desse modo, o preparo da escolha é fundamental para o sucesso da contação, para que a história possa chegar às crianças de forma a "captura-las", envolvê-las. Como contadores de histórias, é importante compreender que é necessário narrar com o coração, segundo nos orienta Busatto (2012) "se quisermos que a narrativa atinja toda a sua potencialidade devemos, sim, narrar com o coração, o que implica em estar internamente disponível para isso, doando o que temos de mais genuíno, e entregando-se a esta tarefa com prazer e boa vontade. (Busatto, 2012, p. 47)". A contação realizada pelo professor necessita ser organizada, para ser potencializada e chegar nos corações das crianças, por isso é tão fundamental o preparo, a fim de gerar propriedade e domínio sobre a história que será contada. E se a contação for realizada com o livro, o contador precisa estar à vontade com o ele, para realizar uma leitura com intimidade com o texto, como descreve Girardello,

Quanto mais à vontade estivermos com o texto, com suas imagens e ritmos, mais expressiva e natural será a nossa leitura em voz alta na frente das crianças. Em vários momentos, é possível que tiremos os olhos do livro para melhor olhar para elas e encenar situações, mantendo o texto na ponta da língua" (GIRARDELLO, 2014, p. 28)

Para que se sinta pronto para realizar a leitura dessa forma, é necessário muito preparo, ler diversas vezes antes de contar às crianças. É necessário se apropriar da história, conhecer seus detalhes, conhecer seus contextos e suas formas, refletindo sobre os elementos para a contação. Procurando entrar na história, esquecendo do mundo exterior, inserindo-se em um mundo imaginário, em que só existem quem conta, o narrador e as crianças como ouvintes. Segundo Machado,

Quando experimento estar dentro da história, experimento a integridade individual de alguém que não está nem no passado nem no futuro, mas no

instante do agora onde encontro em mim não o que fui ou o que serei, mas a minha inteireza no lugar onde a norma e a regra- enquanto coerção da exterioridade do mundo - não chegam (MACHADO, 2004, p. 24)

Entrando nesse processo do universo imaginário e ficcional, as crianças podem ampliar sua criatividade, o seu imaginário, de modo a esquecer de tudo ao redor e entrar na história propriamente dita, navegando neste universo imaginário. Elas, as crianças, “recebem” o momento da contação da história de uma maneira individual e única, de modo que, cada um tem uma experiência diferenciada, em que “os efeitos de uma história, conforme já sinalizado, serão diferentes para cada criança, seja ela uma fábula, um mito, uma lenda, um conto de fadas, tenham as crianças a mesma idade ou não”. (SILVA, 2018, p. 224).

Os efeitos nas crianças quanto a mesma narração serão diferentes, devido a experiência individual que cada uma estabelece, pois no momento da contação cada criança já tem seu repertório anterior do que ouviu, em que elas imaginam as histórias de forma individual, como já foi visto anteriormente, cada uma vê a história com seus olhos, em que as cores, o céu, os personagens têm seu brilho único e diversificado, pois criam no seu imaginário a referência que irão estabelecer com a contação em questão, por isso que cada história é única para cada pessoa que ouve. Ninguém consegue estabelecer a mesma interpretação da história da mesma maneira. Em que, “cada contador apresenta em sua atuação características próprias, presentes em sua voz, gestualidade, expressão, emoção e principalmente intenção.” (Tavares, 2014, p. 17). Cada contador e ouvinte desenvolve sua relação de forma distinta com seu processo de formação, se constituindo de forma própria, com suas experiências e emoções demonstradas nos seus momentos de partilhar as histórias.

Cada historiador tem sua relação estabelecida de forma diferente, pois cada um tem uma história de vida diferente, o seu repertório de vida é distinto, em que mesmo a mesma pessoa conte diversas vezes a mesma história, sempre existirá a possibilidade de algo novo ser apresentado. As crianças sempre terão um novo olhar sobre a história e poderão perceber algum detalhe ou movimento que antes não foi percebido. É necessário analisar os espaços físicos antes da contação, pois é essencial que tenha um local apropriado para realizar essa ação. Esse espaço precisa ser um ambiente sem intervenção de muitos fatores externos ou sem muita interferência de aspectos físicos, como sons, paredes enfeitadas, em que “é preciso uma parede limpa, ou um lençol estendido sobre ela, um espaço neutro para que as imagens das crianças possam se projetar sem a interferência de elementos alheios à história”. (MACHADO, 2004, p. 78). O espaço físico é um determinante para não comprometer a qualidade da contação, em que as crianças precisam estar livres de interferências externas que

não tenham relação com a história, para terem a possibilidade de entrarem na história por meio da sua imaginação. Segundo Britto e Pacheco,

O **antes da história** compreende o planejamento da ação em relação à atitude de pesquisa em acervos (orais, audiovisuais e escritos), com vistas à formação de um repertório; preparação do espaço, a fim de propiciar conforto e acomodação do público (sugere-se trabalhar com o uso de tapetes e colchonetes; cenários e figurinos são dispensáveis, pois não devem sobrepor-se à experiência narrativa) (BRITTO E PACHECO, 2018, p. 54). (grifos do autor)

O planejamento antes da contação das histórias é fundamental para uma leitura proveitosa com as crianças, em que o professor precisa executar pesquisas, sejam elas orais, audiovisuais ou escritas. É preciso ter a preparação do ambiente, do espaço físico e cenográfico, buscando elementos que auxiliem na elaboração da história, que possam fazer parte da constituição do ambiente, como objetos que possam auxiliar na constituição da contação e para o imaginário das crianças serem desenvolvidos. Segundo Busatto (2012, p. 76)

[...] “numa narrativa existe apenas um personagem: você, o narrador. Você é o personagem central que irá conduzir a história de tal forma que um pequeno gesto, empregado à fala de um personagem, crie para a criança todo o referencial necessário para que a sua imaginação se encarregue do resto. (BUSATTO, 2012, p. 76)”.

O narrador, a partir do momento que tem dimensão do seu papel na história, precisa se organizar para realizar a contação de forma que as crianças tenham seu imaginário instigado para além do que lhes foi narrado. Cada criança, por meio de sua imaginação, cria sua versão única e diferenciada da história que foi contada anteriormente para eles. Pamplona nos auxilia nesse pensamento, com suas considerações que:

É por esse motivo que, mesmo que um grupo de vinte pessoas receba uma história literária “adaptada” para a oralidade, no momento de contar teremos vinte histórias que são a mesma, mas não são. Existe uma estrutura. A Chapeuzinho Vermelho foi passear na floresta, porém, para mim, ela viu nuvens grandes, colheu flores amarelas e cantarolou bem baixinho. E talvez, para você, ela correu pela floresta e brincou, olhando os galhos das árvores e os diferentes movimentos que fazem com o vento. Em ambas as histórias, Chapeuzinho passeia na floresta, mas a sutileza semântica desse passeio é única e transcrita por cada indivíduo que narra. (PAMPLONA, 2021, p. 64).

Por meio do que nos descreve Pamplona, é possível que cada um desenvolve sua versão individual da história, no qual, cada casa, céu ou flor tem sua cor em particular, tem seu formato peculiar, o que torna a história única no olhar de cada um, em cada história é possível ter um olhar inaugural de cada detalhe, dependendo da versão contada. Em

concordância, Girardello descreve que, “a exploração cenográfica imaginária do enredo é uma das etapas mais interessantes da preparação de uma história para contar”. (GIRARDELLO, 2014, p. 16). Ainda sobre a exploração cenográfica, salienta Tavares,

de sentar em roda e se permitir imaginar, partilhar e celebrar um momento tão belo, um encontro que permite a troca de olhares e conhecimento, inaugurando outro tempo, outro mundo, onde podemos enxergar o que no ritmo frenético de uma sociedade individualista nem sempre conseguimos perceber. (TAVARES, 2014, p. 21)

Através da narração de histórias, ao sentar em roda, é possível participar de um momento tão proveitoso, de modo que haja presença para ouvir a contação, podendo ver aspectos diferenciados, mesmo não presentes de forma física e visual, mas os ouvintes das histórias, conseguem por meio da sua imaginação, transformar esses elementos presentes no que foi contado. É preciso considerar que, os contos se transformam de acordo com quem conta a história, no qual cada contador tem seu método único e particular de narrar histórias: “os contos se deslocam no tempo e no espaço, ganhando expressividade particular na voz de cada narrador”. (MACHADO, 2004, p. 152).

O narrador desenvolve seu repertório como narrador de histórias com suas experiências particulares, compartilhadas com os outros, nos momentos de estudo pessoal ou contando na prática as histórias para as crianças. Cada cenário de contação é único e tem suas particularidades, e é isso que torna cada contador diferenciado, pois a construção de suas experiências é individual e intransferível. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiências dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994, p. 201). Por essa razão, pode-se considerar que o contador de histórias se constitui por meio de suas vivências, que depende de suas experiências anteriores para conduzir as histórias, no qual suas práticas se formam ao longo do tempo, e ao contar essas histórias, seu repertório de práticas determinam como ele conduz esses momentos. Outra possibilidade é que o contador constrói seu modo/jeito de narração mediante a experiência que lhe constitui do contato com o outro, e, a partir disso, se fundamenta como narrador.

O contador também se constitui por meio das suas experiências com o outro, de modo que, ao contar histórias, ele aprende algo novo, podendo não ser as mesmas coisas que os ouvintes, mas quem conta a história sempre aprende algo, pois ele vai se organizar e pesquisar sobre o que será contado, podendo perceber detalhes anteriormente não vistos, tendo a possibilidade de imaginar o jardim, o céu, as cores, com outros olhos, e que esses

momentos se enriquecem com as práticas. Benjamin afirma que

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. (BENJAMIN, 1994, p. 205)”.

Algumas histórias são contadas de forma recorrente, sendo contadas diversas vezes, e alguns elementos são adaptados, variando de quem conta a história para a sua adaptação ou melhor compreensão de quem ouvirá a contação. No entanto, um aspecto precisa ser considerado: elementos precisam ser preservados. Alguns pontos constituem integralmente a história e são intransferíveis ou inegociáveis de não estarem presentes, como o exemplo do sapatinho de cristal da Cinderela ou a lâmpada mágica do Aladim, pois esses aspectos determinam todo enredo, o enfoque, mostram a direção da história para o seu desenvolvimento e finalização do conto, em que se tirar esses elementos essenciais a história não terá o mesmo sentido, será como se estivesse faltando alguma parte constituinte. Sendo fundamental, também, o narrador se esquecer do mundo exterior no momento de contar as histórias, para que esses elementos não possam determinar seu desenvolvimento, de modo que, quanto maior o enfoque na contação, melhor será o seu desempenho para as crianças. Quanto mais preparo se desenvolver para realizar a narração, maior será a apropriação da história no momento da contação, pois estará mais estruturado o preparo de quem contará aos ouvintes.

Segundo Britto e Pacheco, [...] “É **durante a história** que o jogo narrativo transcorre, [...]. Uma narração envolvente tende a suscitar na criança o desejo de se expressar com olhares, gestos e falas. Mesmo o silêncio não é neutro. (grifos do autor) (BRITTO e PACHECO, 2018, p. 55)”. A contação das histórias nunca é um acontecimento neutro, não é algo que entra e sai vago do coração das crianças, e mesmo que a história não venha de encontro com o que se espera, é possível que a contação seja proveitosa para os ouvintes de alguma maneira. Do mesmo jeito que, mesmo que as crianças fiquem em silêncio, elas expressam por meio dos seus olhares, o que gera interesse, o que os cativa, portanto, é fundamental esse olhar para os ouvintes, para termos a sensibilidade de perceber o que chamou a atenção deles e, com isso, elaborar elementos para sua imaginação ser elaborada e desenvolvida.

Dessa maneira, é preciso que o contador tenha um olhar sensível antes, durante e após

a narração, pois “... **depois da história** o professor registra as reações observadas no momento anterior e retorna a etapa do planejamento para revisão e avaliação do projeto” (BRITTO e PACHECO, 2018, p. 56). Após a contação, ocorre o momento de observação e registro do professor, em que registra suas impressões, as ideias que surgiram durante a história e a partir disso, consegue revisar os seus planejamentos que foram realizados anteriormente e refletir o que foi positivo para seus trabalhos ou que pode ser melhorado posteriormente, para ser efetivo depois nos trabalhos com as crianças. Em síntese, percebe-se o quanto é fundamental esse olhar sensível do narrador com a história, para que possa notar os elementos constituintes dela e realizar as observações e registros necessários, para ter a possibilidade de aprimorar ou melhorar os elementos que se fazem necessários, possibilitando evoluir a sua abordagem da contação de histórias para as crianças.

Na sequência selecionamos algumas **As Vozes de contadores de histórias e escritores** que partilham suas vivências, experiências de vida e indicações de mediação de leitura de livros no intuito de salientarmos mais elementos sobre a preparação necessária para a contação de história.

A primeira *live* apresentada foi diálogo promovido pelo clube de leitores da Taba⁴ em 2021 (*pelo canal do youtube*) A pergunta central aos convidados nesse encontro foi sobre o preparo para a contação. Sendo assim, destacamos que para Samara Costa cada momento de contação precisa de um preparo diferenciado, dependendo da situação e para quem será realizada essa contação. Ela acredita que precisa se conectar com o escritor, caso seja uma história que ela vai narrar de forma lida. Se é uma história contada sem livro, mas o texto é escrito, ela menciona a necessidade de se realizar a transformação para a oralidade, respeitando o texto, mas adaptando para a narração oral, pois para ela não se trata de decorar a escrita do texto, mas conseguir sentir a história, entendê-la, compreender seu tempo e o tempo de preparo e, então narrar sem a presença do livro. Esse processo varia muito de história para história. Outro ponto que Samara Costa destaca é a importância de pesquisar sobre o escritor. Particularmente, ela gosta de ver a influência que o autor teve na construção do texto.

Marina Bastos menciona que o primeiro passo para a realização da contação de histórias e leitura de livros é a escolha da história. Esse movimento, segundo ela, é o passo

⁴ Taba - empresa de curadoria de livros infantis. A *live* foi apresentada pela Denise Guilherme idealizadora da Taba, que contou com os convidados: Carol Levy, Cristiano Gouveia, Fafá, Marina Bastos e Samara da Rosa Costa - contadores de histórias que partilharam suas vivências, experiências de vida como contadores de histórias e mediadores de leitura de livros.

que ela acredita ser o mais importante, pois ao escolhermos as histórias precisamos ter coragem de também sentir o modo que elas nos escolhem. Destaca, ainda, que existem histórias que demoram mais tempo para serem contadas e outras não. E o que Marina mais gosta é de reescrever as histórias com suas próprias palavras – uma adaptação do texto escrito para a oralidade (ou contar com suas próprias palavras). Aborda também sobre a importância de se ter repertório. É importante buscar conhecer as histórias e outros contadores de histórias e as várias fontes de ideias para contar as histórias. Fafá Conta reafirma a ideia de que cada pessoa tem sua forma de contar histórias. Ela nos descreve que para realizar a contação é fundamental contarmos histórias que gostamos e já tenhamos nos conectado anteriormente, sendo essencial ler o texto diversas vezes, para realizar a contação com maior êxito, respeitando o tempo do preparo e o tempo da maturação com a história, tão necessário para o/a contador/a. Esse tempo auxilia muito na construção da história. Cristiano Gouveia compartilhou que, para a sua preparação, ele tem preferência por criar histórias. Mas, quando cria, considera ser mais proveitoso deixar a história guardada por um tempo, esperando o momento para ser compartilhada.

Carol Levy (2021) acredita que quanto ao preparo da contação, é essencial que a história seja preservada, os personagens, os sentidos, os acontecimentos mais marcantes, entre eles, o final. Carol considera que a estrutura narrativa precisa ser conservada, pois desse modo é que vamos constituindo o nosso jeito de contar, que é constituído de forma diferente e particular. É fundamental gostar da história para realizar a contação, e, por fim, nos descreve que, ao ler histórias, precisamos passar emoção para quem ouve. Segundo ela,

a escolha dos livros acontece de forma muito instintiva [...] mas a gente pode sair procurando temáticas que importam e que conversam com a nossa ética, com a nossa construção do que somos e do que queremos... Somos, querendo ou não, formadores de opiniões. [...] No momento em que estamos com uma leva de pessoas [...] seguindo, ouvindo você, você tem que ter muito cuidado (LEVY, 2021).

Sobre a escolha dos livros para realizar a contação, ressalta-se o cuidado com a escolha e com os sujeitos que ouviram as histórias. Carol ainda menciona sobre alguns elementos que poderão ser agregados no momento da narração para além do livro. No entanto, salienta que menos é mais, pois ela considera que não se pode tirar a essência do livro, a capacidade que o ouvinte tem para imaginar mediante seu encontro e experiência com os livros, com as histórias. Apresenta um exemplo: a história da Chapeuzinho Vermelho. Ao contar essa história, prefere utilizar somente uma capa e não fantoches ou outros elementos. Nela, é necessário somente a capa com indício de ser a Chapeuzinho e as crianças sendo

convidadas a imaginarem cor, raça e outras características das personagens dessa história.

Marina Bastos aborda que, “cada vez que a gente vai contar a mesma história para um público diferente, fica diferente. [...] é como se fosse uma estreia a cada dia.” (BASTOS, 2021). Desse modo, podemos dizer que cada momento da contação é único, pois, mesmo ao contar a mesma história mais de uma vez para o mesmo grupo, a história nunca será a mesma, em todas as vezes a história terá suas diferenças, podendo ser o público com algumas alterações de integrantes, o cenário que poderá estar diferente ou até mesmo porque o momento da contação será constituído de uma forma distinta da anterior, e com isso, a história terá suas diferenciações como uma estreia.

É mister que cada contador de histórias se constitui de forma única, por meio de suas particularidades e vivências diferentes. O repertório que eles constituem ao longo do tempo também é diversificado, pois cada pessoa desenvolve seu percurso, para se tornar contador de histórias. Cada contador tem suas características para o preparo da contação das histórias, tendo suas especificidades, o que o torna diferente e único, pois ele tem sua própria construção como contador.

Dani Pamplona (2022) no vídeo que tem como título: *Histórias na sala de aula*, apresenta uma contextualização quanto a contação de histórias no espaço da sala de aula, em que, o professor precisa desenvolver o preparo para realizar uma contação proveitosa, abordando quanto a importância e o motivo de ser tão essencial o contar histórias na escola. Essa ação poderá ser fundamental para a formação das crianças como ouvintes e futuros leitores de histórias e livros dos mais diversos gêneros. Pamplona enfatiza que,

[...] o princípio básico do espaço escolar deveria ser a formação do sujeito como um todo, trazendo esse desenvolvimento do sujeito na sua relação com o conhecimento, na sua relação com o outro e esse crescimento para sua vida profissional também, então, as histórias elas criam um laço, as histórias integram, as histórias potencializam e, é, por isso que contar histórias no âmbito da sala de aula, promove, integra, valoriza, encanta, acho que uma das coisas mais bonitas que uma história pode fazer na sala de aula, é, trazer a todos que ali estão alunos e professores o exercício da presença, pois é o exercício da presença, o presente de estar presente. (PAMPLONA, 2022)

Desse modo, as histórias podem promover um papel de construção de conhecimento, no qual, por meio dos momentos de contação, é possível as crianças construírem novos saberes, não vistos anteriormente, constituindo suas relações com as histórias. Esses

momentos podem ser encantadores, inovadores, diversificados, e podem proporcionar que as crianças tenham o brilho no olhar e encantamento ao ouvir uma contação de histórias. Esses, entre outros aspectos, são possíveis de se observar quando são contadas histórias em sala de aula. Ao encantar as crianças com a contação, está sendo promovido, também, o exercício da presença. Exercício complexo na contemporaneidade, em que o ser humano é levado por um tempo *fast* e cheio de atrativos imagéticos e midiáticos. O estar presente para vivenciar o momento da história, é um aprendizado para o ser humano de toda e qualquer idade. É a chance de aprender algo novo e inovador. Segundo Pamplona,

A narrativa convida, tanto quem conta, quanto quem ouve, a ativar recursos internos muito potentes [...]. Contextualizar que a narrativa é um lugar para a gente ativar principalmente os recursos internos, porque quando a gente está falando de contação de histórias, principalmente para as crianças vem muito esse lugar de recursos externos [...], então precisa ter muita coisa, [...], o que a gente precisa é cada vez mais, é que quem conta estar com seus recursos externos bem ativados, para ativar os recursos internos de quem ouve e aí, o exercício de presença acontece e aí, essa conexão que é tão importante acontece (PAMPLONA, 2022).

Pamplona aponta sobre o papel da construção do conhecimento e também sobre a importância que tem o momento da observação, de modo que, “O professor precisa mais do que nunca, dentre tantas outras profissões, trabalhar os processos de observação, de si mesmo, do grupo onde ele está inserido e de todos” (PAMPLONA, 2022).

A observação é um recurso muito importante na docência, mas não é uma tarefa fácil. Nessa linha de pensamento Pamplona adverte que seja necessário realizar esse ato sem julgamento. Em concordância com Madalena Freire, no qual descreve que o “observar não é invadir o espaço do outro, sem pauta, sem planejamento, sem devolução e muito menos sem encontro marcado[...]” (Freire, 1996, p. 3). Em que, é preciso ter cuidado com os momentos de observação, pois, não devemos invadir o espaço do outro, precisamos ter um olhar atento, para observar o que está sendo realizado, com um olhar reflexivo. Em que segundo Freire,

[...] o educador quando desempenha a função de observador, como coprodutor que foi da pauta e do planejamento do professor, tem uma atuação vivamente reflexiva, porém silenciosa para o grupo. Ele é um outro educador, com uma tarefa diferenciada, específica: - Observar a coordenação no seu ensinar, na sua interação com o grupo e seus participantes.” (Freire, 1996, p.3).

Quando o educador está desempenhando o papel de observador, é preciso ter precisão

com suas observações, precisando estar em constante avaliação quanto ao seu trabalho pessoal, observando quanto a sua própria forma de ensinar, quanto a forma que estabelece com o grupo e com as pessoas. É fundamental que o professor tenha o movimento de observação dele mesmo, junto com sua prática educacional, sempre buscando observar o que está planejando para abordar em sala de aula, procurando refletir sobre suas práticas, se o que ele está organizando será proveitoso para as crianças, no entanto, é preciso observar sem julgar, pois sempre estamos em um processo contínuo de aprendizagem.

São necessários alguns elementos para realizar uma contação proveitosa e agradável para as crianças, entre eles, a observação. No processo da contação, é preciso que o professor quando narra as histórias tenha um planejamento para a ativação dos recursos internos para as crianças se apropriarem da narração das histórias, visto que, para ativar esses recursos internos dos ouvintes é fundamental que o contador se integre junto a história, para realizar a contação de forma que seja proveitosa as crianças. Segundo Pamplona, existem duas palavras que são meios para conseguir um bom desenvolvimento por meio da contação das histórias com as crianças:

As duas palavras que mais se aproximam da importância dessa contação de história, desse *storytelling* na sala de aula são: presença e acolhimento. Esse lugar da gente conseguir fazer com que o aluno entenda de que eu estou aqui de verdade, você está aí de verdade e agora nós vamos construir algo juntos. (PAMPLONA, 2022).

O exercício da presença é uma construção pessoal como contador de histórias e uma construção com o outro, em que é necessário ter preparo ao realizar a contação para que exista conexão entre os pares. Quando o professor se prepara para o momento da contação, precisa se organizar de modo que cada história sempre necessite de um elemento a ser assimilado, o que representa um desafio para ele, que possui contato com a mesma turma durante um ano, sendo necessário contar diversas histórias, em vários momentos e situações. Pamplona acrescenta, “O professor tem a missão mais desafiadora de todas, ele tem o mesmo público praticamente todos os dias, o ano todo” (Pamplona, 2022). Então, ela indaga: como [o professor/contador] pode se conectar, de novo e de novo, com alguém? Essa missão é muito desafiadora, pois, o livro, as histórias de tradição oral não vêm pronto para ser contado, é preciso um preparo, uma organização, um planejamento para essa contação acontecer de uma forma proveitosa para as crianças, em que, ela tem a possibilidade ou a necessidade de adaptações para a contação, dependendo do contexto que esta história será abordada,

construindo a narrativa para as crianças.

Na *live* intitulada “O jogo do contar e as clareiras da imaginação”, Girardello (2021) aborda a temática da contação de histórias e os caminhos para ela, além de comentar sobre duas chaves entendidas como meios de realizá-la. Uma delas é a dimensão da “clareira imaginária”, baseada na ideia do filósofo Péricles, que descreve que a imaginação constrói clareiras de sentido e com elas, todos aqueles que ouvem a mesma história a imaginam juntos. Para Girardello, não é possível que todos imaginem a mesma coisa nos pensamentos, mas existe a possibilidade de que possam imaginar juntos. Nesse sentido, forma-se essas clareiras de sentidos, possibilidades e esperança, através das histórias contadas, que são ouvidas e deixadas de contar.

A outra chave é a história do jogo do contar, que deve enriquecer os contadores de histórias para que possam pensar que contar histórias é sempre brincar, sempre tendo uma dimensão lúdica, até mesmo nas brincadeiras mais sérias, colocando-os no momento do faz-de-conta, de modo que exista uma relação mútua de quem conta com quem ouve. Girardello apresenta que são palavras que vão além do que é dito, além das pessoas. Elas são a própria música, são poesia. As palavras não são mortas, por meio delas é possível viajar. Possibilitam voar, levam para outro lugar, o que proporciona ir além do encantamento. O mesmo sentido que as crianças procuram são os mesmos sentidos que os adultos procuram,

saber que a vida tem sombra, é saber que há florestas escuras, mas saber que a gente vai encontrar aliados, vamos encontrar parceiros, saber que a gente vai encontrar cestinhos de frutas que nos aguardam quando a gente está com fome, que a gente vai encontrar casinhas na floresta onde, tem uma luz acesa e onde tem alguém que nos acolhe com uma omelete de amoras.” (Girardello, 2021).

Nesse processo de viver por meio das histórias, muitas e diversas experiências o impulsionam a confiar na vida, apesar de seu momento de sombras. As histórias são como nutrição ao desenvolvimento do humano, tanto para os que a escutam, quanto para os que as contam. Girardello, por meio de suas pesquisas, aborda sobre os fatores que mais favorecem a imaginação, em que percebeu cinco elementos que potencializam a imaginação, destaca ela que

um deles era a arte, o outro é a relação com a natureza, a experiência com a natureza, da amplidão do imponderável da natureza, o outro era a mediação do adulto no caso com a criança, a outra a narrativa, era o estímulo narrativo de querer saber o que vem depois [...] e por fim, um aspecto que é muito fundamental para a história é o tempo [...] a necessidade de um tempo outro, que não seja o tempo da

pressa, que não seja o tempo da correria. [...] A imaginação se dá bem com a calma, é aquela possibilidade de olhar para as nuvens sem estar querendo correr, quer dizer, não é aquela relação, assim, vou olhar para as nuvens para saber se vai chover, não, é olhar para as nuvens por nada, de forma gratuita, por que a gente tem tempo.” (GIRARDELLO, 2021).

São nesses momentos que a imaginação é afluída, potencializada, para ir além da história, da leitura do livro. E são as próprias histórias que conduzem para novas imagens, novas transformações. Sobre a imaginação, Vigotski (2009) analisa as relações entre imaginação e realidade e mostra

[...] como a imaginação se apoia na experiência; como a experiência se apoia na imaginação; como a emoção afeta a imaginação e como a imaginação provoca emoções. Argumenta ainda que a imaginação, na qualidade de atividade humana afetada pela cultura, pela linguagem, vai sendo marcada pela forma racional de pensar, historicamente elaborada. (VIGOTSKI, 2009, p. 9)

A imaginação conduz os pensamentos, a maneira de pensar sobre o que está ao redor. Nos momentos da contação de histórias, a imaginação se apoia no repertório do que já estava guardado nas experiências, do mesmo modo em que essas experiências se apoiam na imaginação.

Felícia Fleck⁵ (2022) vê o papel do contador de histórias no processo formativo destacando que para ela todo professor deve ter o papel de ser um contador de histórias, salientando que isso não depende da área de atuação desse professor, isso,

independente se as histórias são literárias ou não. Também, as histórias fazem parte [...], do dia-a-dia, estamos o tempo todo contando histórias, então, [...] que histórias a gente está contando? Então quando a gente pensa no processo educativo é isso, que histórias a gente está contando, [...], e também se a gente está dando esse espaço pensando nas crianças também, contando essas histórias também para elas contarem as suas próprias histórias e para elas se sentirem representadas por essas histórias. (FLECK, 2022)

É preciso refletir quanto às histórias que são contadas para as crianças, independente se são literárias ou não, pois, essas histórias precisam ser proveitosas. É fundamental que esse momento seja agradável para ambas as partes, pensando em todo contexto escolar, é necessário que haja um planejamento para que as contações de histórias sejam um acontecimento que as crianças sejam instigadas a desenvolverem sua imaginação, a sua curiosidade pelo novo, que se sintam incluídas e representadas nas histórias.

⁵ *Live* intitulada : “Arte e histórias entrelaçadas e psicólogas em luta”, organizada pelo entrevistador Marcos Vasques, apresentador do Jornal JTT: Cultura e Arte em que no seu programa entrevistou Felícia Fleck e a escritora Alessandra Boss.

[...] Então além de contar histórias do nosso próprio lugar e, de buscar também essa identidade, esse pertencimento, ao mesmo tempo, também precisamos contar histórias de outros lugares e [...] de ampliar o repertório sempre de mundo, apresentar outras coisas que muitas vezes por outros meios não se tem acesso, [...] contar histórias é algo muito mais amplo, em todos os lugares, em todos os momentos, [...] ou seja sendo histórias literárias ou não, fundamentalmente o que é lindo, o que é mais importante do contar histórias é o encontro mesmo, do encontro com o outro de estar só com o outro naquele momento de não estar em mais nenhum lugar, é um exercício de presença mesmo. (*idem*)

O ato de contar histórias, se bem elaborado, é uma grande oportunidade para a ampliação de repertório dessas crianças, em que, é o dever do contador contar histórias de contos de fadas, histórias regionais e da cultura, pois o contar histórias é um momento que pode ser tão rico e se focalizar somente na cultura e histórias popularmente já conhecidas, pode perder contações bonitas e proveitosas. Portanto, ressalta-se que a contação de histórias é um momento que se bem elaborado e trabalhado, pode ser um momento proveitoso, sendo possível que o contador tenha um encontro mais próximo com quem ouve a história, em que, desenvolvem o exercício da presença coletivamente.

Na sequência, cabe destacar a fala das contadoras de histórias e pesquisadoras Gilka Girardello, Ilsa Goulart e Rosemary de Oliveira na mesa redonda intitulada Contação de histórias no *IX Seminário de Literatura Infantil e Juvenil (SLIJ)* e o *V Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (SELIPRAM)*⁶. No qual, elas abordam em alguns aspectos a contação/narração de histórias para as crianças.

Nessa mesa, as contadoras/pesquisadoras ressaltaram importantes aspectos e contribuições que as narrativas podem possibilitar para a educação das crianças. Rosemary descreve alguns pontos interessantes que ocorrem no momento da contação de histórias, no

⁶ IX Seminário de Literatura Infantil e Juvenil (SLIJ) e o V Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (Selipram). O evento foi realizado entre os dias 3 e 5 de novembro de forma remota e transmitido pelo canal no Youtube do Grupo de Pesquisa em literatura infantil e juvenil e práticas de mediação de leitura (Literalise)./ Mesa-Redonda número nove intitulada Contação De Histórias. Com participação das contadoras de histórias e pesquisadoras Gilka Girardello, Ilsa Goulart e Rosemary de Oliveira – mediação realizada pela professora da Universidade Federal de Santa Catarina – Lilane Maria de Moura Chagas.

qual, por meio da imaginação e com a fantasia, as crianças podem explorar os seus sentidos e pensamentos. É possível que elas tenham a condição de se deslocarem de lugar, no momento que mergulham profundamente no enredo. E por meio de sua imaginação, se movem mentalmente para outro universo, do mundo imaginário e conseguem explorar os seus sentidos do imaginário. Rosemary se apresenta como contadora, e salienta que tem uma dificuldade quanto ao momento da contação das histórias, que é sobre sua memória, no qual ela tem uma limitação quanto ao lembrar da história. Ela não guarda todos os elementos da história em sua mente. No entanto, ela guarda as histórias em seu coração, em que os fundamentos essenciais dos contos e narrativas precisam estar em seu interior, para que ela ao contar as histórias não se esqueça dos pilares que a história precisa e que, são a partir desses pilares que sua narrativa se constitui. Também destaca que é por meio das possíveis adaptações que ela, como contadora, tem a possibilidade de realizar o ato de narrar. Segundo ela, esses aspectos são essenciais para um bom momento de leitura com as crianças.

Gilka Girardello apresenta uma frase que é descrita por Eloí Bochecho, que é possível descrevermos assim: “que memórias as nossas crianças vão adquirir? Do que elas vão lembrar?” Os contadores de histórias adultos precisam ter o comprometimento ao narrar as histórias para as crianças, pois é necessário ter responsabilidades com as possíveis experiências que as crianças vão adquirir com suas vivências em sala de aula e com a sua imaginação.

Os pequenos vão construindo suas formas de verem as histórias e suas memórias ao longo do tempo, então, o que elas constituem como repertório de suas histórias quando são ainda pequenas, são as experiências que terão na vida adulta, quando crescerem e se desenvolverem. Portanto, é essencial o cuidado com as memórias que essas crianças vão estabelecer com o contato com a narração, pois são a partir dessas experiências que vão se constituir como futuros leitores e ouvintes.

Rosy Lapa (2022) nos salienta que todas as histórias precisam de vida e que todas as histórias são boas. É preciso ter o preparo para iniciar a contação das histórias, é necessário conhecer a história, planejar o melhor local para a narração, preparar o espaço físico e cenográfico para o momento. É fundamental que todos esses, entre outros elementos, estejam alinhados para que esse momento da história tenha vida e seja agradável.

Sabendo que todas as histórias são boas e que elas estejam bem estruturadas e elaboradas, possibilitando ao contador ter emoção, é necessário contar histórias que

despertam a curiosidade para com as crianças, o desejo pelo novo. Possibilitar que as crianças conheçam as histórias e manifestem desejos pelas suas continuações - do enredo e da narrativa histórica. É fundamental que esses contos estejam no planejamento do contador, no qual, será positiva essa experiência com a contação, tanto para o contador que partilha a narração com as crianças, quanto para elas que estarão como ouvintes, nesse processo de conhecer a narrativa e sua nova abordagem histórica.

Portanto, são necessárias ricas histórias para a contação, que não sejam rasas, que tenham enredo e sentido. Nesses momentos da contação é preciso ouvir as crianças, é necessário ter esse olhar quanto ao tempo de escuta, de reflexão para as crianças e para nós também como contadores, porque as histórias ficam guardadas conosco em nossas memórias, essas vivências do momento da contação com as crianças se estiverem bem planejadas e caso sejam agradáveis podem ficar guardadas nos corações, e nas experiências com o contato da contação/narração de histórias com e para as crianças.

4.1 Fios que se entrelaçam na formação dos contadores de histórias: eventos nacionais e internacionais de contação de histórias

É de suma importância incluir no levantamento bibliográfico um breve levantamento sobre os eventos nacionais e internacionais que acontecem sobre contação/narração de histórias, visando dar visibilidade à importante participação em eventos nacionais e internacionais, que podem contribuir para a formação dos contadores de histórias no exercício de narrar/contar histórias diversas, sejam da tradição oral sejam de textos literários (com e sem os livros). Vale destacar que são esses eventos que se constituem como formação continuada na jornada do contador de histórias. A seguir, será discorrido sobre alguns desses eventos⁷ destacando suas regiões e abordagens de trabalho, programação e visibilidade aos pesquisadores que os desenvolvem e os constituem. A saber:

⁷ O critério adotado na seleção dos eventos aqui mencionados foram os mais divulgados no ano de produção deste texto. Mas sabemos que há muitos outros eventos nas diversas regiões do Brasil. Caminho que consideramos ser mais uma pista para outras pesquisas.

Figura 1- Página Inicial do site Boca do Céu



Fonte: <https://bocadoceu.com.br/pagina-principal/>

O Boca do Céu é um encontro internacional de contadores de histórias, que ocorre a cada dois anos em São Paulo. A imagem referenciada acima é da 12.o. edição, (2022), encontro que aconteceu nos dias 30/05 a 04/06. Os ingressos são gratuitos e aberto ao público. O evento é composto por diversas pessoas de variadas regiões do país e do mundo. Os convidados do nosso país são de diversos estados, entre eles: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Santa Catarina. Com presença de contadores de histórias de outros continentes como: Canadá, México. França e Bélgica.

Sendo um espaço de desenvolvimento de atividades, com movimentos culturais e oficinas, o principal objetivo do evento é "propiciar diferentes situações de contato com a arte da narração que possam inspirar ações educativas, culturais, sociais e estéticas". (BOCA DO CÉU, 2022). O evento aborda a arte narrativa, que é uma das culturas humanas que tem relação com as mais variadas artes. No desenvolvimento do programa, cada participantes têm a oportunidade de obter sua formação artística e estética mediante sua participação em oficinas, atividades e momentos diversos de encontro com a arte da contação de histórias em suas diversas fontes, formas, sotaques, jeitos e culturas.

Figura 2 - Banner de divulgação do XI Encontro de Contadores de Histórias do Sergipe



Fonte: [XI-ASCH-Academia Sergipana de Contadores de Histórias | Facebook](#)

O evento aconteceu no Estado de Sergipe, no corrente ano (2022) nos dias 18 e 19 de março, com a temática “Imagens que falam: os múltiplos olhares na contação de histórias”. O encontro tem como objetivo geral: Possibilitar que as pessoas tenham contato com contação de histórias como incentivo à leitura. E tendo como seus objetivos específicos: Acontecer a inclusão de Sergipe nos eventos nacionais de contação de histórias, abranger a contação de histórias como conhecimento no estado e fora dele e proporcionar a contação de histórias como um momento de partilhar conhecimentos.³ O evento conta com o público-alvo de contadores de histórias (do Estado e fora dele), professores, estudantes universitários, bibliotecários, mediadores de leitura, escritores, psicólogos e demais interessados no evento. O evento é planejado visando desenvolver a arte de contar histórias, dialogando sobre como se constitui a narração de histórias com e sem os elementos do livro e a da leitura, agregando os conhecimentos das histórias infantis, pensando no impacto que as contações podem possibilitar às crianças, no desenvolvimento delas. O evento tem relação com a Semana Estadual dos Contadores de Histórias (Lei Estadual 8.665 de 20/03/2020). O encontro é realizado pela Academia Sergipana de Contadores de Histórias, organizado pela curadora: Claudia Stocker e equipe⁸.

⁸ Equipe organizadora: Adilma Pinto, Joluzia Viana, Luciana Celi, Luciano Góis, Matheus Luamm e Osaneide Rosa. Disponível em: [XI ENCONTRO DE CONTADORES DE HISTÓRIAS DE SERGIPE em Aracaju – 2022](#). Acesso em: 20 de Junho de 2022.

Figura 3: Banner de divulgação do Festival Nacional de Contadores de Histórias de Ponta Grossa



Fonte: [Festival de Contadores de Histórias – SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA \(pontagrossa.pr.gov.br\)](http://pontagrossa.pr.gov.br)

O Festival Nacional de Contadores de Histórias ocorreu em Ponta Grossa, no Paraná. Esse festival é realizado desde 2014 e reúne diversos contadores de histórias que são referência em todo país. Os contadores de histórias convidados pela equipe organizadora do evento realizam “falas interativas, oficinas, intervenções artísticas na rua, rodas de histórias com a terceira idade e uma grande maratona de contos” (Cultura, 2014), além de oficinas, atividades didáticas, contações de histórias, entre outros aspectos. Vale ressaltar que além de contar com os profissionais convidados, o evento tem bastante relevância local e regional, de modo que, todos os anos, contadores de histórias se reúnem para compartilharem seus conhecimentos adquiridos anteriormente e suas histórias. A edição de 2018, durante o período do evento realizado entre os dias de 11 a 14 de Junho, contou com “30 contadores de histórias de todo o Brasil, dos estados da Paraíba, Ceará, Goiás, Sergipe, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio de Janeiro e São Paulo, além do Paraná e Distrito Federal”. (Ponta Grossa, 2018)⁵ em que os convidados e contadores tiveram a possibilidade de participar de um evento com tanta relevância e além disso, terem a experiência de compartilharem seus saberes.

Figura 4 : Banner de divulgação do II Encontro de Contadores de História de Minas Gerais



Fonte: [II Encontro de Contadores de Histórias | Encantadores de histórias: entre práticas orais, memória e arte narrativa \(ufla.br\)](#)

O II Encontro de Contadores de Histórias aconteceu entre os dias 15 e 16 de abril de 2019, na Universidade Federal de Lavras, UFLA- Minas Gerais, que tem como temática “Os encantadores de Histórias: sobre as práticas orais e a memória”. O evento reuniu pesquisadores, professores e profissionais que são contadores de histórias, com objetivo de “refletir sobre a relação dialógica e interativa que se estabelece antes, durante e após o desenvolvimento de atividades de leitura e de produção textual na perspectiva da oralidade”. (Eventos, 2018). A partir disso, os ouvintes e pesquisadores tiveram a possibilidade de refletirem quanto à contação de histórias, sobre suas narrativas, quanto aos elementos que as histórias podem possibilitar e sobre os elementos presentes nos livros e a importância da expressividade no momento da contação.

O evento organizado pela UFLA teve diversos públicos, entre eles: alunos da graduação, da pós-graduação, público externo do campus, nos quais tiveram artistas plásticos e do teatro, contadores de histórias, pesquisadores, professores da educação básica e professores universitários. O encontro contou com a presença de um público muito diversificado, contudo, todos tinham o mesmo objetivo, seja o de partilhar seus conhecimentos quanto à contação de histórias e aprender novos conhecimentos, quanto a arte da contação de histórias e suas possibilidades.

Figura 5: Banner de divulgação do Festival Baiano Literário de Contação de Histórias.



Fonte: [Festival Baiano Literário de Contação de Histórias \(mariovicente.com.br\)](http://mariovicente.com.br)

O Festival ocorreu de forma presencial nos dias 18 e 19 de junho de 2022, em Salvador. O Festival foi organizado por *Quede Histórias*⁹. O evento contou com diversos artistas nacionais e internacionais da contação de histórias, que se reuniram para realizarem rodas de conversas sobre a literatura oral e a contação de histórias. “O evento tem na programação contadores de histórias nacionais, e uma multiplicidade de ações: conversa com escritores, ilustradores, editores, tarde de autógrafos e lançamentos de livros”. (Sympla, 2022)⁷. O evento teve ampla programação e aborda histórias de várias formas¹⁰,

O encontro tem como objetivo realizar literatura oral e a contação de história, buscando que os ouvintes tenham uma aproximação com os contadores e tenham esses conhecimentos elaborados por meio desse contato com a narração. Público-alvo: professores, contadores de histórias, escritores e pessoas interessadas por aprenderem mais quanto à arte de contar histórias.

⁹ Alzira de Castro Consultoria & Formação e Mc Silva Produções e Eventos.

¹⁰ Francisco Gregório Filho é um dos contadores de histórias convidado, além de Rosemary Lapa de Oliveira e Claudete Terezinha de Mata, também os que foram homenageados Sílvia Carvalho e Luciane Souza, que representaram os maiores autores de contação de histórias da Bahia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo pesquisar a narração de histórias e sua contribuição para os processos formativos da criança e desenvolver, a partir de referencial teórico sobre a contação de histórias, debates sobre a importância dessa formação no exercício da docência.

Reafirmamos que a realização do levantamento bibliográfico e documental foi com o intuito de produzir um registro que possibilitasse reflexão sobre a produção científica acerca da temática da pesquisa discorrendo sobre o ato da narração de histórias e as possíveis contribuições para a formação docente na educação infantil, tendo por base pesquisas realizadas sobre a temática.

No mesmo processo de investigação e estudo, objetivamos conhecer os pressupostos teóricos da contação/narração de histórias para a efetivação da arte de contar para as crianças e identificando os elementos necessários na preparação da contação/narração de histórias mediante as vozes dos contadores de histórias.

Para alcançar os objetivos de nossa pesquisa, mediante a análise bibliográfica/documental, analisamos primeiramente o repositório da UFSC, com objetivo de ter um estado de conhecimento do que já foi escrito anteriormente pelas colegas de curso. Em nossa busca utilizamos as palavras-chave: “Contação de histórias”, em que encontramos 206 resultados, no qual a partir de uma seleção dos títulos e resumos, selecionamos sete trabalhos.

Após esse primeiro momento, prosseguindo com nosso levantamento bibliográfico, realizamos uma busca no Google Acadêmico utilizando a palavra-chave “Contação de histórias”, nesta busca utilizamos um filtro de tempo de 2017 a 2021, em que por meio de nossa análise, aproximadamente os 100 primeiros trabalhos, verificamos os títulos, resumos destes trabalhos, em que selecionamos somente cinco trabalhos para nossa pesquisa. E a leitura e estudo desses trabalhos contribuíram para a reflexão inicial sobre a proposta de nossa investigação, qual seja a de pensar a contação/narração de histórias no espaço da educação infantil.

Objetivamos salientar a importância e o cuidado com o preparo que o contador de histórias precisa obter, além de se conhecer elementos para realizar o ato de contação/narração, sendo necessário que o professor/a selecione a história e tenha o conhecimento da narrativa que pretende ser compartilhada com as crianças. Após esse primeiro momento, é fundamental que ele organize o espaço físico e cenográfico para que esse momento seja agradável e proveitoso para que as crianças possam ter um momento de fruição estética,

poética e lúdica com a palavra.

Desenvolver a consciência desse ato reconhecendo ser esse processo o tempo do encontro com a narrativa constituindo-se em momentos singulares únicos e especiais.

Ao longo do texto, tecemos uma abordagem sobre os pressupostos da contação de histórias para a efetivação da arte de contar para as crianças pequenas e a identificação de elementos necessários na preparação da narrativa oral, no qual salientamos contribuições significativas para a formação docente no papel do professor como narrador de histórias. Percebeu-se que tanto a intencionalidade de ler, contar ou narrar histórias para as crianças e também o papel de mediador se faz necessário para que ao ouvir as histórias, essas crianças se formem como futuros leitores e tenham o desejo pela leitura, desenvolvendo a criatividade, a imaginação, a linguagem e muitos outros aspectos, além da ampliação de seus repertórios pessoais de narrativas diversas.

Como principais resultados desta pesquisa, destaca-se que a contação de histórias como prática pedagógica se estabelece na educação infantil, em que é necessário que esses momentos da contação tenham um propósito, uma finalidade. Pois partilhamos da perspectiva defendida pelo referencial já aqui discutido de que desde muito pequenas, é importante que as crianças tenham acesso a uma diversidade de narrativas que lhes permita construir sentidos sobre o mundo, sobre a cultura. E cabe a nós, adultos - professores/professoras - selecionarmos histórias, nos afetarmos por elas e desse modo, compartilhar com elas - as crianças e as famílias. Assim, criar uma relação de afeto, de vínculo intenso compartilhando sentidos e significados a partir das narrativas, possibilitando interagir com diferentes conhecimentos e experiências.

Subjacente às reflexões levantadas ao longo deste trabalho, destacamos a tríade – adulto-criança-livro (histórias) e com base nessa relação, nos vínculos estabelecidos planejar projetos de leitura, espaços de contação de histórias. Portanto, destacamos o mediador como aquele que promove encontros com as diversas narrativas e essas são, portanto, potentes caminhos de construção de significado e sentido a tudo o que é vivido pelas crianças.

Desse modo, é preciso que o professor tenha o seu planejamento ao contar a história, que tenha a sua organização quanto a escolha do livro ou história. Essa escolha constitui um desafio ao professor, pois quanto aos livros há uma ampla gama de títulos no mercado editorial que, embora chamados de “literatura infantil”, têm pouco significado diante das questões que podem ser elaboradas junto às crianças. Assim, tecemos ao longo deste trabalho mediante a pesquisa sobre as vozes dos contadores e o estudo do referencial sobre a temática em pauta que a busca por histórias precisa ser por aquelas capazes de proporcionar uma boa

dose de simbolização e que possibilitem indagar sobre o mundo e sobre a condição humana.

Por meio das experiências com o outro e com as diversas histórias, as crianças podem se inserir no mundo da cultura ampliando, assim, seu repertório. É na experiência com as emoções diversas que as crianças aprendem a se entender melhor, a entenderem os outros e a construir relações mais satisfatórias e significativas.

Defendemos ao longo de nosso texto que contar histórias é trocar experiências e conhecimentos, mas é, antes de tudo, uma experiência de sentidos, de encantamentos, de exercício e encontro da presença, que envolve todos que dela participam. E esse encontro com as narrativas (desde a própria história de vida às histórias escolhidas para serem narradas) silêncios e vozes dialogam e constituem encontros efetivos e afetivos importantes para potencializar o desenvolvimento humano.

Mas a pesquisa revelou também a importância de os contadores de histórias serem leitores, terem um repertório variado, fazer escolhas criteriosas, construir variadas estratégias para contar histórias. Encontrar, formas, diferentes modos, diferentes estratégias ao repetir as narrativas. Apresentar perspectiva de diferentes autores e ilustradores. Dialogar com as crianças indagando-as para que elas sinalizem o que faz ou não sentido para elas.

Por fim, quando estudamos a temática da contação/narração de histórias, muitas possibilidades e caminhos de reflexão se abriram. Novas questões surgiram. Desejos instigantes de continuação foram suscitados. Percebemos ser uma pesquisa que não se esgota. E desejamos ter outras oportunidades de estudo, de observação e reflexão sobre as práticas e possibilidades de contar histórias, seja nas reflexões com os pares nas Instituições de Ensino, seja pela continuidade de formação continuada e/ou de estudos/pesquisa ou ainda participando de uma coletividade de contadores de histórias.

Um caminho possível que se delineou na pesquisa, mas por conta do tempo exíguo não se efetivou foi o levantamento sobre os currículos dos Cursos de Pedagogia no país, verificando se há ou não abordagens/práticas sobre a contação/narração de histórias, possibilitando indagar sobre se há algum preparo aos professores para serem contadores de histórias ou mediadores de leitura para as crianças. Fica a pista aqui para uma nova pesquisa.

A realização deste trabalho possibilitou adquirir conhecimentos acadêmicos, profissionais e pessoais, nos quais desejo levar na minha caminhada e no seguimento desta minha jornada de vida, a vontade de continuar estudando para - como professora - contar histórias, buscando conhecimento e repertório que possam ampliar sentidos e significados para minha vida e para as crianças e assim em um ato ético e estético ter o compromisso com a profissão de ser professora no tempo e no espaço coletivo da educação infantil.

REFERÊNCIAS

- A TABA. Contadores de Histórias. Youtube. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=67zhbcp8iLI&t=93s> Acesso em: 20 de jun. de 2022.
- AZEVEDO, Beatriz Barbosa. **Leitura e Contação de Histórias: Desenvolvimento da Imaginação na Educação Infantil**. 2018. 44 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/21373/1/2018_BeatrizBarbosaAzevedo_tcc.pdf . Acesso em: 10 de abr. de 2022.
- BELLO, S. C. **Quem conta um conto: A narração de histórias na escola, suas implicações pedagógicas**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis; 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/87352/269683.pdf?sequence=1&isAllOwed=y> . Acesso em: 11 de abr. de 2022.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskow. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura** .7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRITTO, L. P., L & PACHECO, F. E. DA C. (2018). **A EDUCAÇÃO DA FUNÇÃO IMAGINANTE: CONCEITOS E FUNDAMENTAÇÕES PARA UMA ABORDAGEM PEDAGÓGICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**. *Teoria E Prática Da Educação*, 21(2), 45-58. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/45467/pdf> . Acesso em: 04 de maio de 2022.
- Biblioteca Hans. Live/Palestra: “O Jogo do Contar e as Clareiras da Imaginação.” com Gilka Girardello. Youtube. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hhBP-fGvisA&t=21s> . Acesso em: 25 de jun. de 2022.
- BRASIL. CNEI/CEB. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Etapa da Educação Infantil p. 33-53. 2017 a.
- BRITO, Danielle Santos. **A importância da leitura na formação social do indivíduo revela**. Periódico de Divulgação Científica da FALS. Ano IV, Nº VIII- JUN 2002. Disponível em: http://www.fals.com.br/revela12/Artigo4_ed08.pdf > . Acesso em: 20 de mar. de 2022.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar: pequenas segredos da narrativa**. 8. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2012. 123 p.
- CARDOSO, Miriam Teixeira Paulo. **A Importância da Expressividade na Contação de Histórias em contexto de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1. CEB**. Santarém: 2018. 117 f. Disponível em : <https://www.proquest.com/openview/b38e5b6d5f48ed49603724ef107051a3/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y> . Acesso em: 15 de mar. de 2022.
- CHAGAS, L.M.M. **A Língua Materna na Primeira Série do Ensino Fundamental: As narrativas como uma fonte da imaginação criadora**. Tese de doutoramento. São Paulo. 2006.

CHAGAS, Lilane Maria de Moura; VALENTE, Gesse Andrion. A Literatura Infantil: conhecimento e experiências estéticas: algumas reflexões. **Creches Catarinenses: Experiências de Formação e Práticas Pedagógicas**, Florianópolis, Ufsc, v. 1, n. 1, p. 95-128, jan. 2014.

COSTA, C. M. **Infância, Criança, Escola nas pesquisas educacionais sobre a narração de histórias. Dissertação de pós-graduação**. Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93016/276401.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 10 de abr. de 2022.

FARIA, Inglide Graciele de *et al.* **A influência da contação de histórias na educação infantil**. Goiás: Mediação Pires do Rio, 2017. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/6368> . Acesso em: 11 de abr. de 2022.

FERREIRA, Carolina Arruda. **A narrativa como caminho de formação: um estudo sobre a arte de narrar, a experiência e a imaginação na escola**. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em : <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/191258/PEED1314-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em : 12 de abr. de 2022.

FLECK, Felícia de Oliveira. **A profissionalização do contador de histórias contemporâneo**. 89 f. Dissertação (Mestrado em ciências da informação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92759/269436.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 10 de fev. de 2022.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão. Instrumentos Metodológicos I**. 2 ED. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1987

GIRARDELLO, G.; FOX, G. **A narração de histórias na sala de aula**. In: Girardello, Gilka. (Org.). Baús e chaves da narração de histórias. Florianópolis: SESC-SC, v. 1, 2004.

GIRARDELLO, G: **Televisão e imaginação infantil: Histórias da Costa da Lagoa**. 1998. Tese de (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque: contar histórias na escola**. Campinas: Papyrus, 2014. 108 p.

Literalise UFSC. IX SLIJ & V SELIPRAM. 05/11. 16 h. Mesa-Redonda 9. Youtube. 05 de Novembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7m8jcl7DFXM&t=4709s>. Acesso em: 29 de jun. de 2022.

MACHADO, Caroline. **A potência revolucionária da infância na obra de Walter Benjamin**.

In: AZEVEDO, Fernando *et al.* **Lugares Secretos da Infância**. 5. ed. Braga: Estudos Literários, 2021. p. 127-145.

MACHADO, Regina. **Acordais**: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: Difusão Cultural do Livro- Dcl, 2004. 231 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: 26, 2007.

OLIVEIRA, Marineis Souza de. **A contação de histórias para crianças na educação infantil**. 2020. 46 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2020. Disponível em [:https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/995/1/MARINEIS%20REVISADAMonografia_%20ATUROIZA%20c3%87%20c3%83O%29%204.pdf](https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/995/1/MARINEIS%20REVISADAMonografia_%20ATUROIZA%20c3%87%20c3%83O%29%204.pdf). Acesso em: 04 de maio de 2022.

PAMPLONA, Daniele. **Histórias na sala de aula**. Youtube. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sMPP8aB4fmo> . Acesso em: 21 de jun. de 2022.

PAMPLONA, Daniele. **O Poder da Palavra Falada**: oralidade, contação de histórias e expressão. Curitiba: Fatum, 2021. 110 p.

Portal Desacato. **Arte e histórias entrelaçadas e psicólogos em luta**. Youtube. 18 de Março de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RWVHi08JF84&t=1642s> Acesso em: 22 de jun. de 2022.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de história**. Goiânia.2005

SABINO, Jessica Luise; VIEIRA, Kellyn Gutterres; PEREIRA, Arlete de Costa. Por que contar histórias na educação infantil? **Creches Catarinenses: Experiências de Formação e Práticas Pedagógicas**, Florianópolis, p. 207-226, jan. 2014.

SILVA, L. A. **A Roda De Histórias: pelo direito de viver a infância no colégio de aplicação-UFSC**. Tese de doutoramento. Orientador, Lourival José Martins Filho- SC, 2018. SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (org). **Leitura Literária na Escola: reflexões e Propostas na Perspectiva do Letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

TAVARES, Gabriela da Silva. **Contação de história na constituição do sujeito criança: um diálogo com a literatura infantil**. Florianópolis, 2018. Disponível em [:https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/196099/gabriella%20da%20silva%20tavares.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/196099/gabriella%20da%20silva%20tavares.pdf?sequence=1&isAllowed=y) . Acesso em 10 de fev. de 2022.

TAVARES, Samantha. **A narração de histórias: Uma experiência de interação, criação e imaginação entre o narrador e o ouvinte**. Florianópolis. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/196476/Samantha%20Tavares.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em 11 de fev. de 2022.

UMBELINO, J. D. **A narração de histórias no espaço escolar: a experiência do pró-leitura**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/101666/222481.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 20 de fev. de 2022.

VIGOTSKI, L.S. **Imaginação e Criação na Infância**. Comentários de Ana Luiza Smolka. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, L.S. **O desenvolvimento Psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fonte, 1998